



MERCADO PÚBLICO PARA A CIDADE DE APARECIDA DE GOIÂNIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS DE CIÊNCIA EXATAS E TECNOLÓGICAS
ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

ORIENTADORA:

PROF^a DR^a MAÍRA TEIXEIRA PEREIRA

ACADÊMICO:

RAFAEL DE SOUSA FERREIRA

ANÁPOLIS - GOIÁS

2021

SUMÁRIO

Aparecida de Goiânia: da religião à contemporaneidade	09
A conceitualização do desenvolver de Aparecida.....	15
O urbanismo aparecidense como efeito das centralidades.....	19
O setor terciário como agente da urbanidade de Aparecida.....	25
Mercado Público: instrumento de intervenção	29
Estudos de Caso	35
Análise do local: a inserção na cidade.....	39
Diretrizes projetuais e volumetria.....	45
Programa.....	49
Mercado Público de Aparecida de Goiânia.....	51
Referências.....	82

AGRADECIMENTOS

Primeiramente sou grato a Deus, que me permitiu ter saúde e disposição para completar essa jornada tão importante em minha vida. Aos meus pais Moisés e Simone e meu irmão Bruno, que sempre fizeram de tudo para que eu tivesse oportunidades de concretizar meu sonho. Agradeço também aos meus avós, padrinhos e amigos, que tanto torceram por mim. Meu muito obrigado a cada professor que contribuiu para o meu crescimento acadêmico, em especial a professora Cláudia e a professora Máira, com quem tive a honra de ser orientado.

APRESENTAÇÃO

O fio condutor deste trabalho está relacionado com minha vivência como morador aparecidense e as inquietudes de um estudante de arquitetura e urbanismo. A escolha da área de intervenção se deu justamente por identificar uma potencialidade em uma região de Aparecida, cidade prestes a completar um século de existência. Conseqüentemente, valendo-se das particularidades do município, há caminhos pelos quais optei trilhar.

Aparecida de Goiânia, por certo momento, fora descrita de maneira limitada a cidade dormitório. Termo que carrega consigo a percepção de estar dependente de um aglomerado urbano já estruturado. Então, surge a necessidade de compreender o processo histórico de Aparecida, entendendo a dinâmica do seu desenvolvimento.

Foi preciso uma análise do macro, a priori, a fim de entender as relações entre as regiões da malha urbana. Neste caso identifica-se a atuação das centralidades em alguns bairros, refletindo na expansão desigual da cidade. Por conseguinte, se chega ao micro após esclarecidas as circunstâncias desse processo dos novos centros.





100

100

100

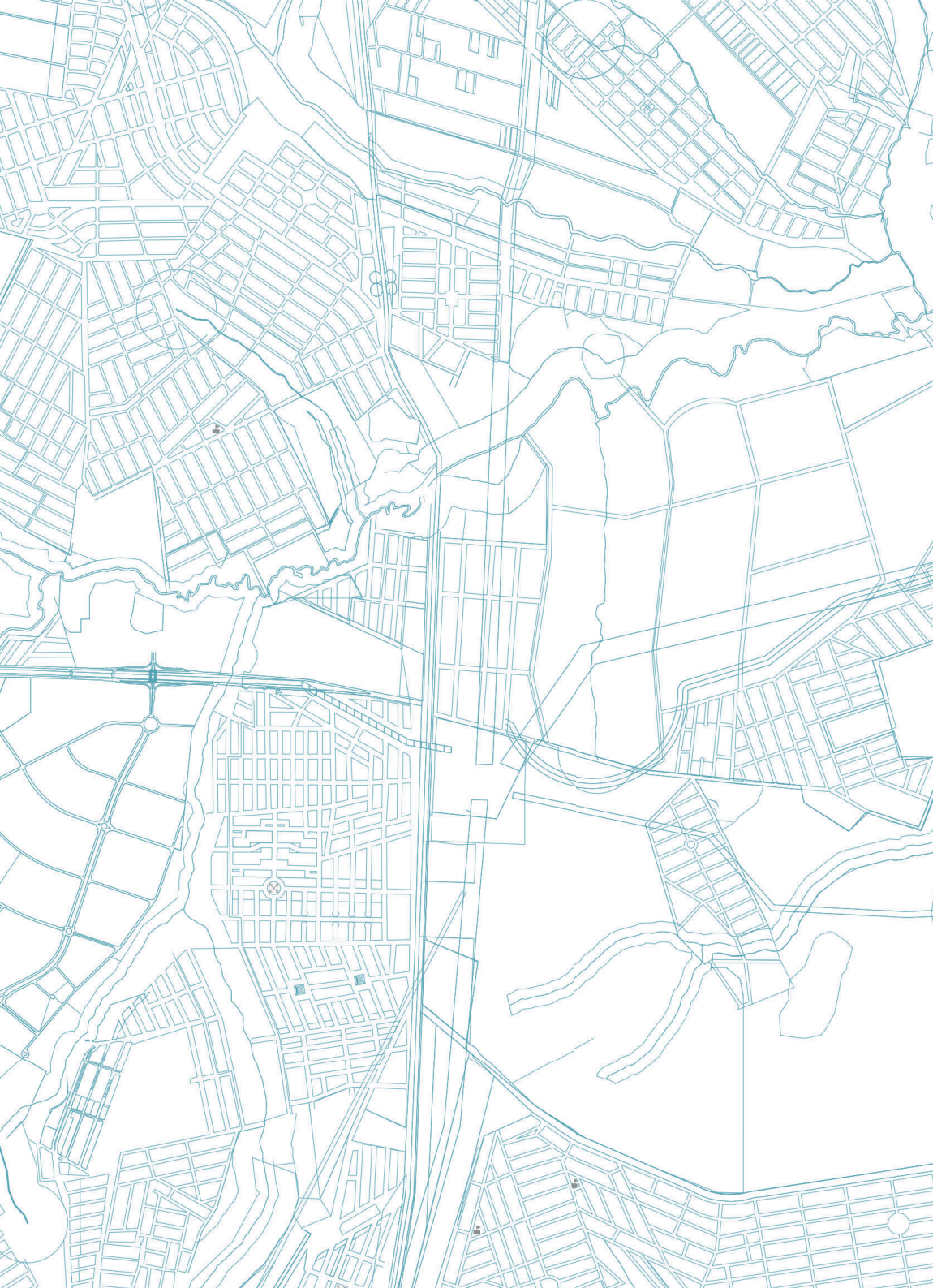
100

100

100

100
100
100
100
100

100



APARECIDA DE GOIÂNIA:
DA RELIGIÃO A
CONTEMPORANEIDADE

Aparecida de Goiânia, assim como outros municípios brasileiros, teve suas origens atreladas às manifestações religiosas. Um grupo de fazendeiros da região - José Cândido de Queirós, Abrão Lourenço de Carvalho, Antônio Batista de Toledo e Benedito Batista de Toledo - doou terras para a construção de uma igreja católica, afim de ser realizado celebrações como missas, batizados e casamentos.

A primeira missa campal ocorreu no dia 3 de maio de 1922, marcada por um cruzeiro de aroeira lavrada. A segunda missa campal ocorreu no dia 11 de maio, aonde seria construída a nova capela, posteriormente chamada de Igreja Nossa Senhora Aparecida.

A população do pequeno povoado ajudou a erguer a igreja, com a doação de madeira, areia, adobes, pedras e telhas. Destaca-se o nome de João Batista de Toledo, carpinteiro responsável pela construção da igreja. A partir da nova construção e da praça ao redor, atual praça da matriz, foi-se iniciando o processo de estruturação.

Em 1932 é registrado o primeiro estabelecimento comercial, de Arrão Augusto de Souza. Nos anos seguintes o crescimento elevou a categoria da região, passando a ser conhecido como Arraial de Aparecida.



Igreja Matriz de Aparecida de Goiânia na década de 1920
Fonte: FolhaZ.com



Praça da Matriz na década de 1930
Fonte: Nilda Simone/Acervo



Pequena população de Aparecida seguindo uma procissão religiosa
Fonte: FolhaZ.com

Por meio da Lei nº1.406, em 26 de dezembro de 1958, foi criado o Distrito de Goialândia, misturando Goia de Goiânia e Lândia de Hidrolândia. Essa nova condição acarretou melhorias de infraestrutura: energia elétrica, escola estadual e a instalação da coletoria. Ademais, o sentimento de emancipação vinha se afluando constantemente, tendo o processo iniciado no dia 13 de novembro de 1963, com o parecer favorável do distrito pela Comissão de Constituição e Justiça da Assembleia Legislativa de Goiás. A Assembleia Legislativa sanciona a Lei nº4.927, em 14 de novembro de 1963, criando o Município de Aparecida de Goiânia.

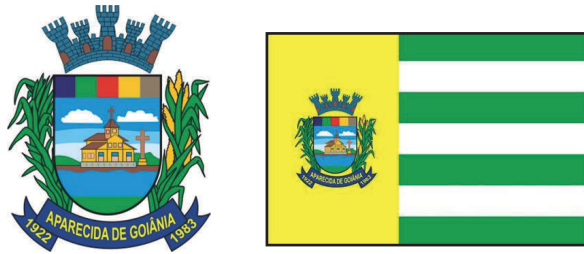
O desenvolvimento de Aparecida esteve vinculado à Goiânia. Todavia, a princípio, a construção da nova capital na década de 1930 não influenciou o cenário urbano de Aparecida, consequência de um aspecto geográfico, apresentado por Santos (2008):

Um outro fator que demonstra este relativo isolamento de Aparecida, refere-se à dificuldade em se deslocar de Aparecida a Goiânia devido à grande distância que era substancialmente aumentada pelas precárias ou inexistentes infraestruturas de transporte. Andar a pé, a cavalo, carroça etc. era prática comum dos moradores de Aparecida de Goiânia quando precisavam de uma maneira ou de outra ir a Goiânia. (SANTOS, 2008, p.63).

Somente a partir da década de 1950 uma tímida modificação urbana em Aparecida passou a ser notada, principalmente às margens da Avenida Rio Verde. Isso se deu ao fato da expansão da malha urbana de Goiânia caminhar na direção sul.

Nas décadas de 1970, 1980 e 1990 Aparecida se consolidou como periferia expandida, de acordo com Santos (2008). Loteamentos sem infraestruturas são aprovados, atraindo migrantes do interior de Goiás e de outros estados. Esses novos moradores estimularam o movimento pendular com a capital, por uma busca de emprego e serviços, fazendo de

Aparecida cidade dormitório, como aborda Pinto (2009). De que modo esses processos interferiram na identidade de Aparecida?



Brasão e Bandeira do Município de Aparecida de Goiânia
Fonte: Prefeitura de Aparecida



Igreja e Praça Matriz - 1983
Fonte: IBGE

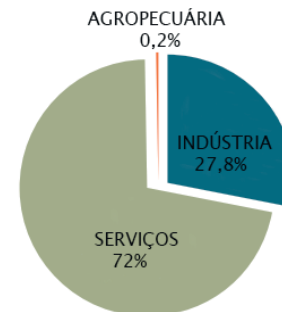


É possível apreender que Aparecida de Goiânia se desenvolve de maneira mais expressiva perante as outras cidades que compõem a Região Metropolitana de Goiânia. De acordo com o crescimento demográfico do Instituto brasileiro de geografia e estatísticas (IBGE), em 1991 o município já apresentava uma população de aproximadamente 178.483 habitantes, em contraposição aos 23.905 de Senador Canedo e 54.072 de Trindade.

A partir da década de 1990 e 2000 Aparecida se insere no cenário econômico estadual com veemência, destacando as indústrias e o setor terciário. Dados do Instituto Mauro Borges (IMB), Segeplan-Go e IBGE (2013) expõem a participação de setores na economia municipal: serviços com 72%, indústria 27,8% e agropecuária apenas 0,2%. Mas como Aparecida assumiu essa estrutura econômica?

CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO DA REGIÃO METROPOLITANA DE GOIÂNIA – 1960 A 2000						
Municípios	1960	1970	1980	1991	1996	2000
Aparecida de Goiânia	-	7.470	43.405	178.483	265.868	335.392
Goiânia	153.505	381.055	738.707	922.222	1.001.756	1.093.007
Senador Canedo	2.928	2.717	3.090	23.905	44.266	53.105
Trindade	17.135	22.519	31.039	54.072	68.558	81.457

Participação dos setores econômicos municipais de 2013
Fonte: IMB, Segplan-GO, IBGE



Participação dos setores econômicos municipais de 2013
Fonte: IMB, Segplan-GO, IBGE

Determinados fatores foram primordiais para que o município se destacasse no setor secundário e terciário. Um deles é a pequena área rural, que dificultou o desenvolvimento do agronegócio, estimulando o investimento industrial. A posição estratégica, com vias importantes cortando o tecido urbano - BR 153 - fortaleceu a implementação de zonas industriais e empresariais. Outro ponto de significância é a extensa formação de áreas habitacionais, fomentando o desenvolvimento do setor de serviços. Regiões como a do Garavelo, setor consolidado pelo comércio e serviços, exemplificam como o comércio ganhou impulso nesse cenário.



Avenida Igualdade, Setor Garavelo
Fonte: Jucimar de Sousa/Mais Goiás



Polo Empresarial de Aparecida
Fonte: Reprodução/Prefeitura de Aparecida

Tendo em vista o processo de formação e desenvolvimento de Aparecida de Goiânia pôde-se apreender a melhor maneira de intervir nesse aglomerado urbano que, apesar de já estabelecido, apresenta constantes transformações. Uma atenção maior se dá ao setor terciário, uma vez que é a fonte de renda com maior destaque do município. Assim, é possível elaborar debates e proposta a respeito dessa temática, visando compreender o motivo da identidade de Aparecida ainda não estar completamente consolidada.



100

100

100

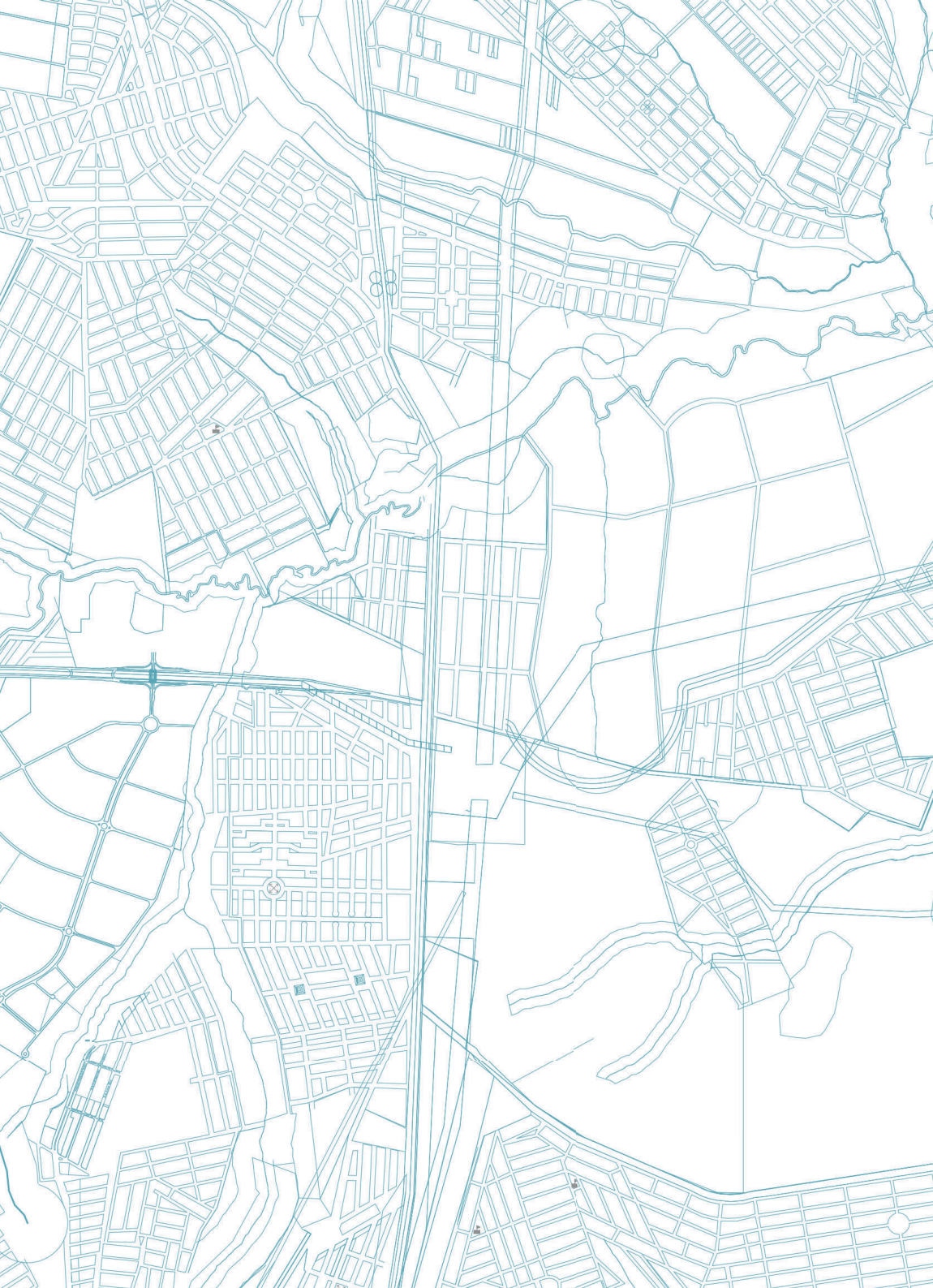
100

100

100
100
100
100
100

100
100
100
100
100





A CONCEITUALIZAÇÃO DO DESENVOLVER APARECIDA

Ao examinar o percurso histórico de Aparecida de Goiânia é perceptível a intrínseca relação com Goiânia, uma vez que surgem em períodos próximos, respectivamente na década de 1920 e 1930. Vale ressaltar que essa proximidade cronológica não refletiu, a priori, em uma influência urbana, devido a questões geográficas. Somente com a expansão urbana da capital que uma dinâmica no território passou a ser mais evidenciada.

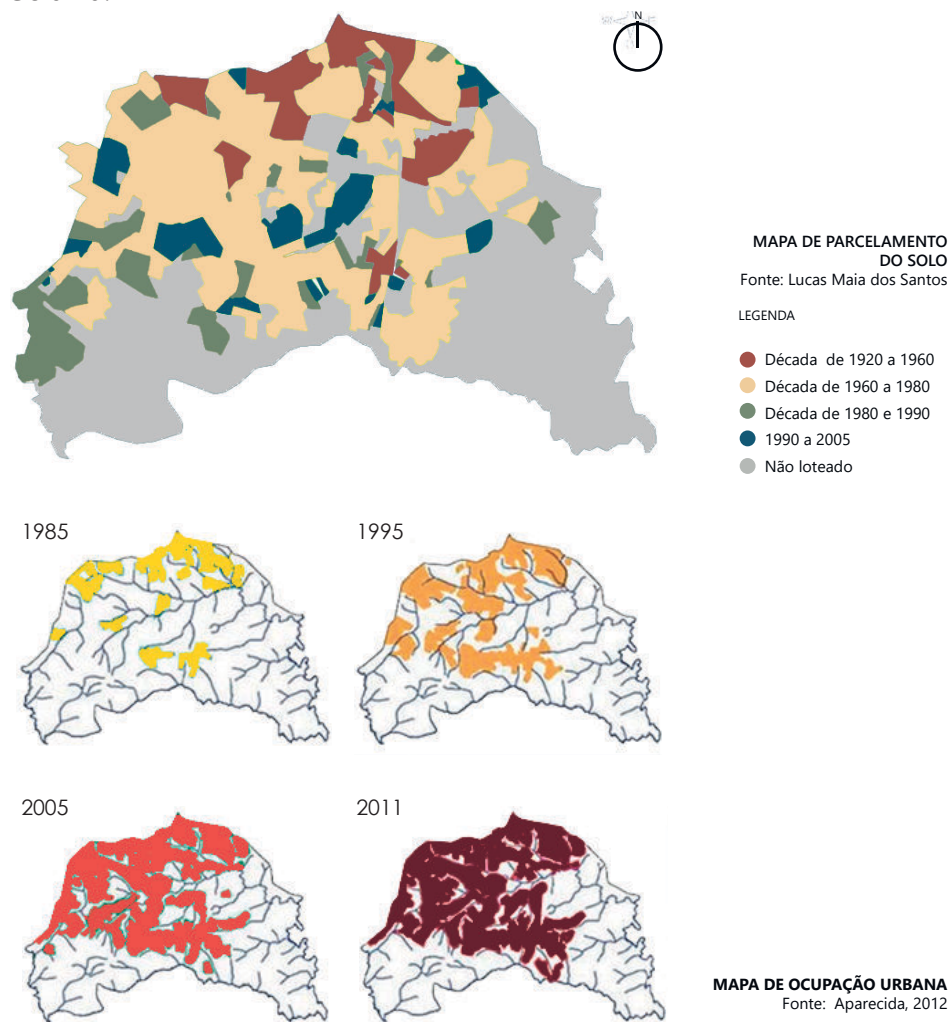
O reflexo desse crescimento de Goiânia se tornou mais visível a partir da década de 1970 e ao longo de 1980, sendo produzido uma “periferia expandida e segregada” de acordo com Santos (2008). A definição do termo se baseia na expansão da malha urbana, cuja distância da área de influência – região central - criou novas áreas afastadas. Com isso, a conurbação entre os dois municípios se deu no limite delimitado pela avenida Rio Verde, o que fomentou a ocupação desse espaço segregado tanto do centro de Aparecida como do centro de Goiânia.

Nesse cenário, a ausência de políticas públicas no âmbito territorial facilitou a ação de interesses privados. Loteamentos sem o mínimo de infraestrutura foram implementados, muito além da demanda, gerando vazios urbanos significativos, como reforça Ribeiro (2013):

Na década de 80 a falta de uma política de urbanização planejada agravou as condições de ocupação do território. Diversos parcelamentos ocorreram à revelia do poder público formando uma malha urbana extensa e desarticulada e com uma disponibilidade de lotes além da real demanda. Como consequência, a ocupação nesse e nos demais períodos ocorreu de maneira desordenada e predatória envolvendo muitas vezes áreas impróprias para ocupação. (RIBEIRO, 2013, p.43).

Comparando o mapa de parcelamento do solo com o mapa de ocupação urbana fica evidente a influência de determinadas áreas, como é o caso da região norte do município. Isso ocorreu devido a expansão de Goiânia caminhar no sentido sul, potencializando o perímetro da avenida

Rio Verde, limite físico entre os dois municípios. . Identifica-se aqui o fenômeno da conurbação - havendo uma união urbana entre cidades diferentes – determinante para a construção da identidade de Aparecida de Goiânia.



É nesse período de expansão que o termo “cidade dormitório” passou a ser empregado para caracterizar Aparecida de Goiânia (PINTO, 2009). A interpretação dessa expressão classifica cidades que, mesmo autônomas, depende a um certo grau de outra cidade maior e mais influente, com funções já estabelecidas, no caso Goiânia. Essa relação de subordinação da cidade dependente é acarretada pela precariedade de serviços, infraestruturas, empregos, qualidade de vida, etc (OJIMA, 2008; PEREIRA, 2008; SILVA, 2008). Assim, o morador dessa cidade compõe um vínculo de ir e vir entre dois aglomerados urbanos.

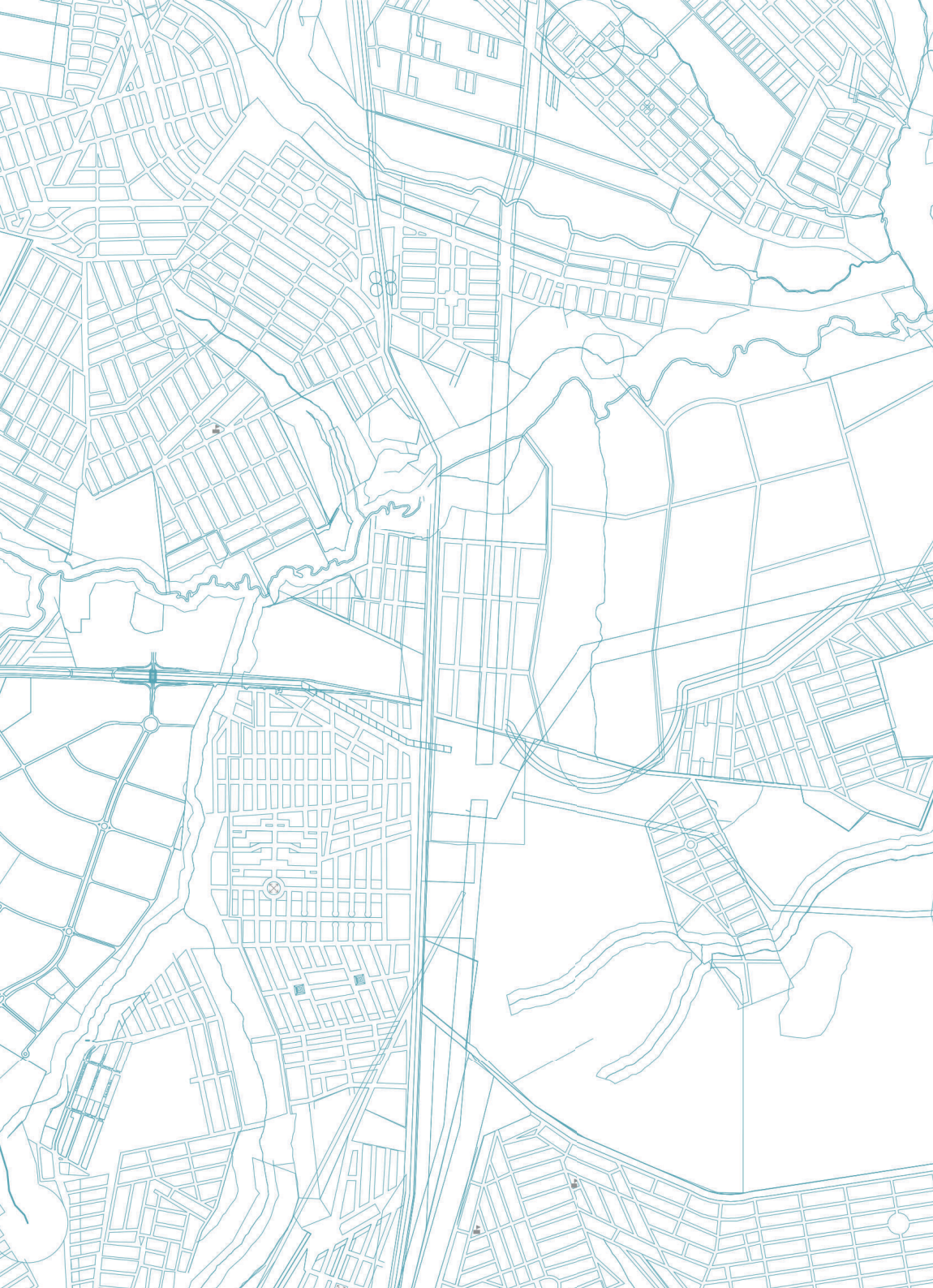
A dinâmica desse processo pode ser explicada por meio do “movimento pendular”. O deslocamento diário de um grande número de pessoas em busca de determinada função, retornando para o local de origem para repousar, ressignifica as relações indivíduo-cidade. Há o sentimento de não pertencimento à cidade em que se reside, uma vez que grande parte das atividades é realizada em outro local. Além dessa questão a mobilidade fica cada vez mais fragilizada, devido a congestionamentos nos horários de pico.

De que modo estes termos mencionados anteriormente interferiram na concepção identitária de Aparecida? A partir da década de 1980 o município passou a ser estigmatizado por essas expressões, mesmo com as melhorias urbanas que aos poucos chegavam aos bairros. “Periferia expandida e segregada”, “cidade dormitório” e “movimento pendular” remetem a um aglomerado urbano subdesenvolvido e dependente de outro. Atrelado a essas concepções pejorativas, há uma relevante desigualdade social, forçando um movimento migratório em busca de oportunidades.

Até o momento, Aparecida de Goiânia exprime problemáticas inerentes a qualquer cidade brasileira no entorno de uma capital. Os lotes acessíveis estimularam a ocupação pela parcela da população de baixa renda, refletindo em um rápido crescimento populacional, havendo uma dificuldade do planejamento por parte das instituições públicas, o que acarretou na carência de serviços básicos. Essa formação descontinuada estimulou o surgimento e fortalecimento de centralidades, como aborda Pinto (2009):

(...) no espaço intra urbano de Aparecida de Goiânia, as subcentralidades processaram uma (dês) estruturação do poder, e se impuseram frente às articulações com suas marginalidades, construindo novas lógicas centripetas, no interior da cidade, e novas lógicas centrífugas, com a RMG. (PINTO, 2009, p.46)

Depreende-se que o crescimento e desenvolvimento de Aparecida teve suas fundações no processo de segregação e marginalização com Goiânia que, posteriormente, manifestou uma nova forma de crescer da cidade. De que modo esse fenômeno das novas centralidades remodelou o município?



O URBANISMO APARECIDENSE
COMO EFEITO DAS
CENTRALIDADES

Preliminarmente a contextualização do termo “centralidade” precisa ser apresentada, com intuito de compreender a forma como se deu o processo urbano de Aparecida de Goiânia. Este termo é derivado da palavra “centro”, que traz consigo a abstração de área principal e pioneira de uma cidade. Nessa região central fica estabelecida uma série de manifestações urbanas, econômicas, sociais, etc. Essa gama de atividades e relações acaba por gerar um raio de influência do entorno, atraindo de modo centrípeto os indivíduos, como debate Silva (2015):

(...) Compreende-se, portanto, como centro uma determinada área, que há algum tempo sofre a ação de forças centrípetas – do processo de centralização. O centro não é algo dado, uma simples realidade material a priori, mas o fruto de um processo de produção, a partir da ação de agentes sociais que se acumularam num determinado lugar durante um período mais ou menos longo de tempo. (SILVA, 2015, p.12)

No caso de Aparecida essa explanação se manifestou de maneira peculiar, visto que o centro histórico – do qual a cidade fora originada – desempenhava uma influência pouco expressiva, como visto entre as décadas de 1930 e 1970. Nessa perspectiva, as áreas originadas a partir de uma segregação territorial foram paulatinamente aglomerando serviços, convergindo funções que não eram supridas pelo centro já consolidado. Começam a surgir as centralidades, descrito por Bezerra e Cavalcante (2009):

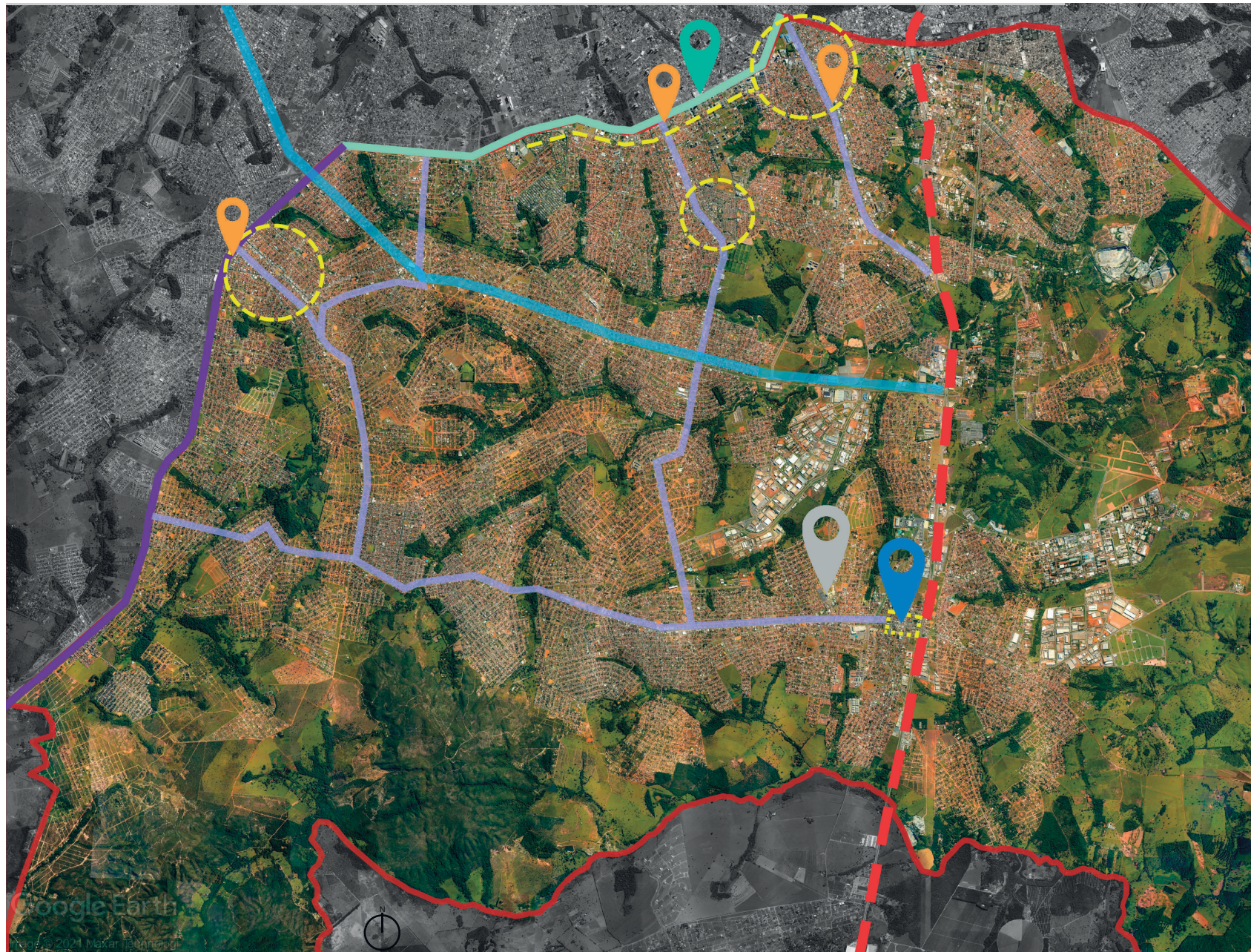
(...): a centralidade, por sua vez, envolve as relações socioespaciais que atuam na constituição do centro, está associada ao processo de estruturação e de reestruturação, de mudanças constantes na estrutura. A centralidade pode ser redefinida na constituição de outras formas espaciais, em novas áreas de centralidade urbana. (BEZERRA E CAVALCANTE, 2009, p.221)

Pode-se salientar que a malha urbana de Aparecida é composta por uma gama de centralidades, consequência de uma formação desarticulada e esparsa. A distinção ocorre quando esses novos centros ou subcen-

tros atuam de maneiras diversas, influenciando o entorno em diferentes graus. Mas o que corrobora para essa diferenciação? Podemos elencar a hierarquia viária como estruturante dos espaços, o que reflete nas ocupações territoriais. Ademais, o emprego do uso do solo urbano também pode ser considerado como fator dessa diferença.

Ao longo de alguns eixos estruturantes foram sendo formados novos centros, vide Vila Brasília e Garavelo (PINTO, 2009). O de Vila Brasília – região nordeste - está estruturado principalmente pela Avenida Rio Verde, havendo um dinamismo de funções e usos, sendo encontrado em suas proximidades terminais de ônibus (T. Cruzeiro e T. Vila Brasília), Shopping Center (Buriti Shopping), redes de supermercados, atacadistas, condomínios horizontais e verticais, área empresarial (Cidade Empresarial) e uma pluralidade de serviços do setor terciário. Contudo, não há uma hegemonia ao longo dessa via, consequência dos vazios urbanos remanescentes da formação do município, já mencionado anteriormente.

Já a centralidade Garavelo – região noroeste - está associada a GO-040 e ao Anel Viário, que dá continuidade à Avenida Rio Verde. Nesta região também se encontra um terminal de ônibus (T. Garavelo), Shopping Center as margens da rodovia (Portal Sul Shopping), condomínios horizontais, além de uma diversidade de serviços, comércios e instituições dispostos ao longo da Avenida Igualdade, via que parte do eixo estruturante. Há uma predominância do ramo de vestuário, assim como calçados e bolsas; mas também é relevante o comércio de outros produtos, entre papelaria, ferragista, informática, agronegócio, automóveis, etc.



APARECIDA DE GOIÂNIA: LIMITES, VIAS E CENTRALIDADES

Fonte: Autor

- BR-153
- Anel Viário
- Eixo de Integração II
- Avenida Rio Verde
- GO-040
- Igreja N. Sra. Aparecida
- Cidade Administrativa
- Buriti Shopping
- Terminal de ônibus



01. CENTRALIDADE VILA BRASÍLIA

02. CENTRALIDADE GARAVELO

03. CENTRALIDADE CRUZEIRO DO SUL

- Via Arterial
- Via Coletora
- Estrutural (GO-040)
- Comercio/serviços
- 📍 Correios
- 📍 SANEAGO
- 📍 Buriti Shopping
- 📍 Escolas públicas
- 📍 Terminal de ônibus

A região da Vila Brasília e do Garavelo constituem as principais centralidades de Aparecida de Goiânia. Ambas tiveram respaldo no sistema viário, apresentando um movimento centrípeto considerável, visto que a localização margeada atua sobre os municípios de Aparecida e de Goiânia. Outra característica compartilhada é a multiplicidade de serviços e funções, o que fomenta um fluxo intenso de relações sociais, econômicas, culturais, entre outras. Porém, é possível pontuar algumas disparidades entre estes subcentros. Enquanto o de Vila Brasília se fortaleceu conurbada à Goiânia, a do Garavelo foi se desenvolvendo em meio aos vazios urbanos da capital, ainda em expansão naquela região. Por conseguinte, é possível identificar uma divergência de renda entre esses ambientes.

A centralidade Conjunto Cruzeiro do Sul se deu de modo mais local, visando suprir as demandas dos moradores. Historicamente, o conjunto foi concebido a partir do Banco Nacional de Habitação (BNH) em concomitância com as Companhias Estaduais de Habitação (COHAB) na década de 1970, no intuito de suprir o déficit habitacional (Luciano, F. et al, 2014). Ao analisar a ocupação espacial de Aparecida fica evidente o distanciamento e isolamento desse conjunto, pressionando o desenvolver de serviços para atender os novos residentes que não eram assistidos pelo poder público.

A nova centralidade do Conjunto Cruzeiro do Sul exemplifica uma formação de influência urbana diferente da área compreendida pela avenida Rio Verde e GO-040. Surgiu a partir de uma majoritariedade habitacional, influenciando a tomada de serviços de modo local. Mesmo com o

desenvolvimento de Aparecida, atualmente, essa região abrange o entorno de modo menos expressivo do que outras centralidades, como a do Garavelo. Outro fator que complementa essa expressividade reduzida é a ausência de eixo estruturante relevante.

O processo de centralização é potencializado com alguns fatores, dentre eles convém citar a estruturação viária. A partir da mobilidade, os fluxos acontecem nas áreas em que as atividades são desenvolvidas, assegurando a vitalidade dessas centralidades. Nesse cenário podemos enquadrar os novos centros da Vila Brasília e Garavelo, que gozam de uma facilidade de acessos por vias e equipamentos do transporte público, como os terminais de ônibus. Outro fator é a implantação de um Shopping Center, réplica em menor escala e menor grau do centro, mas com funcionalidades múltiplas (BEZERRA E CAVALCANTE, 2009, p.228). Nesse quesito se enquadra o Buriti Shopping, na porção norte, e o recente Aparecida Shopping, nas proximidades do centro histórico.

Doravante, com essas centralidades, Aparecida de Goiânia passou a construir sua identidade, não mais pautada no preceito pejorativo de “cidade dormitório” subordinada à Goiânia. A aglomeração de comércios e serviços criou uma nova dinâmica territorial, de movimento centrípeto justificado pelas oportunidades de emprego, relações e deslocamentos de indivíduos e atividades. Portanto, o setor terciário garantiu a redução do “movimento pendular”, contribuindo para a sensação de pertencimento dos moradores, além de assumir a principal fonte de renda de Aparecida. Logo, é preciso depreender a complexa trama dessa questão no âmbito urbano.



1111

1111

1111

1111

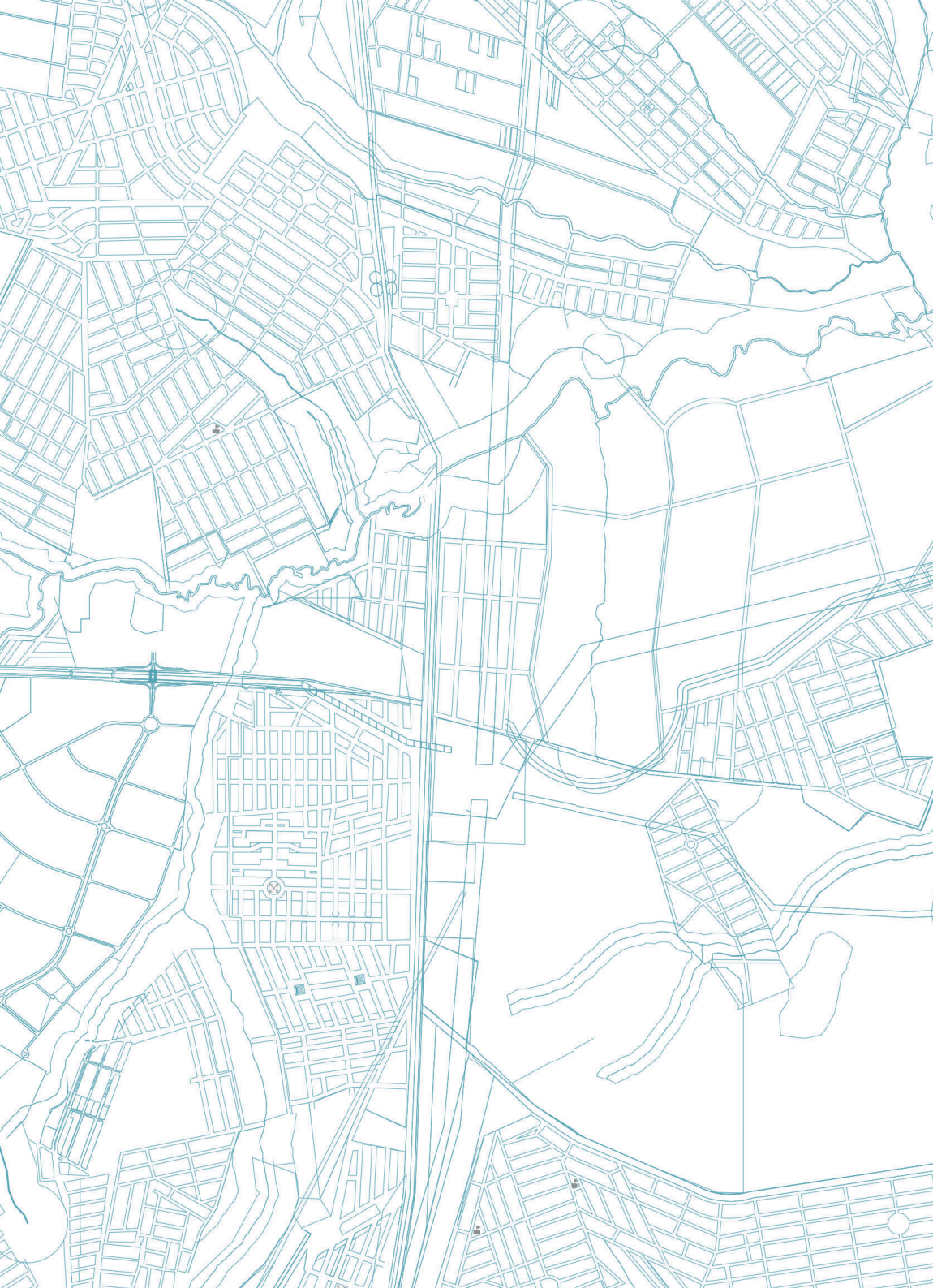
1111

1111

1111

1111
1111
1111
1111
1111

1111



O SETOR TERCIÁRIO COMO
AGENTE DA URBANIDADE DE
APARECIDA

Na estrutura capitalista a organização das atividades econômicas se dá em três setores, sendo o “setor primário” aquele pautado no extrativismo – mineral ou vegetal – já o “setor secundário” fica responsável pela industrialização das matérias primas; por fim, o “setor terciário” oferece esses produtos ao consumidor, assim como serviços diversos. Por características físicas do município aparecidense, estes dois últimos setores puderam se desenvolver expressivamente, principalmente o terciário.

A pequena área rural (km²) e a localização com facilidade de acessos pela BR-153 e GO-040, além dos eixos estruturantes, foram pontos relevantes para a consolidação do setor terciário. Além disso, cabe ressaltar que Aparecida de Goiânia experimentou um crescimento populacional vertiginoso a partir da década de 1970, tendo como principal consequência a expansão urbana de Goiânia. Assim, surgiu uma demanda desses moradores por serviços, desencadeando também no desenvolvimento do comércio.

Com o crescimento de Aparecida e a gradual consolidação do setor terciário, pela figura dos novos centros, medidas legais foram sendo implantadas buscando assegurar um ordenamento urbano. Nesse quesito, Lauria (2014) demonstra que foram sendo criados regiões para a implementação industrial, compreendida pelo Distrito Industrial Municipal de Aparecida de Goiânia (Lei Municipal nº 1258/1993), Polo Empresarial Goiás (Lei Municipal nº 1623/1997) e Parque industrial Vice Presidente José de Alencar (Lei Municipal nº 2473/2004).

De acordo com Frattari (2009), em 1997, a Lei Municipal nº 1.699, de 19 de dezembro de 1997 definia as áreas destinadas a expansão dos setores industrial e comercial, como as margens ao longo do Anel Viário e BR-153. Já com o Plano Diretor (Lei nº 2246 de 2002, revisado em

2014/2015) no capítulo VI – Zoneamento – ficou determinado a ocupação territorial em função do desenho urbano, sistema viário, infraestrutura instalada, ocupação existente e aspectos ambientais. Percebe-se uma correlação entre as áreas destinadas ao setor terciário e os sistemas viários, garantindo o desempenho satisfatório dos fluxos entorno dessa relação.

Ao se tratar de Aparecida entende-se que o parcelamento territorial já havia sendo feito desde a década de 1950, sem uma fiscalização por parte do poder público e muito além da demanda necessária naquele momento. Somente a partir da década de 1990, com o desenvolvimento municipal pautado no setor industrial, de comércio e serviços, que a estruturação espacial foi se concretizando em fundamento dos eixos estruturantes. Assim, foi possível conectar as diversas centralidades espraiadas pelo território aparecidense.

Portando, o setor terciário assumiu uma importância em relação ao urbanismo de Aparecida. Em escala maior a influência se deu pelo sistema viário, visto que a cidade passou a ser estruturada por cinco Eixos Norte-Sul e cinco Eixos Leste-Oeste (Prefeitura de Aparecida), atendidos não apenas pelo transporte individual, mas também pelo transporte público, ciclovias e ciclofaixas. O reflexo desse investimento na mobilidade assegura os novos centros, conduzindo os fluxos para essas regiões que simbolizam uma vitalidade espacial, de acordo com Vargas (2020):

(...), as relações das atividades terciárias (oferta) com a demanda (empresas, governo e indivíduos) devem ser compreendidas no seu rebatimento espacial, pois tais atividades são ao mesmo tempo causa e consequência do deslocamento de pessoas, bens e serviços no território, refletindo-se enfaticamente na qualidade de vida urbana. (VARGAS, 2020, p. 3)

Tendo em vista que a identidade de Aparecida de Goiânia apresenta a questão terciária como um de seus pilares, seria possível intervir utilizando a arquitetura?



100

100

100

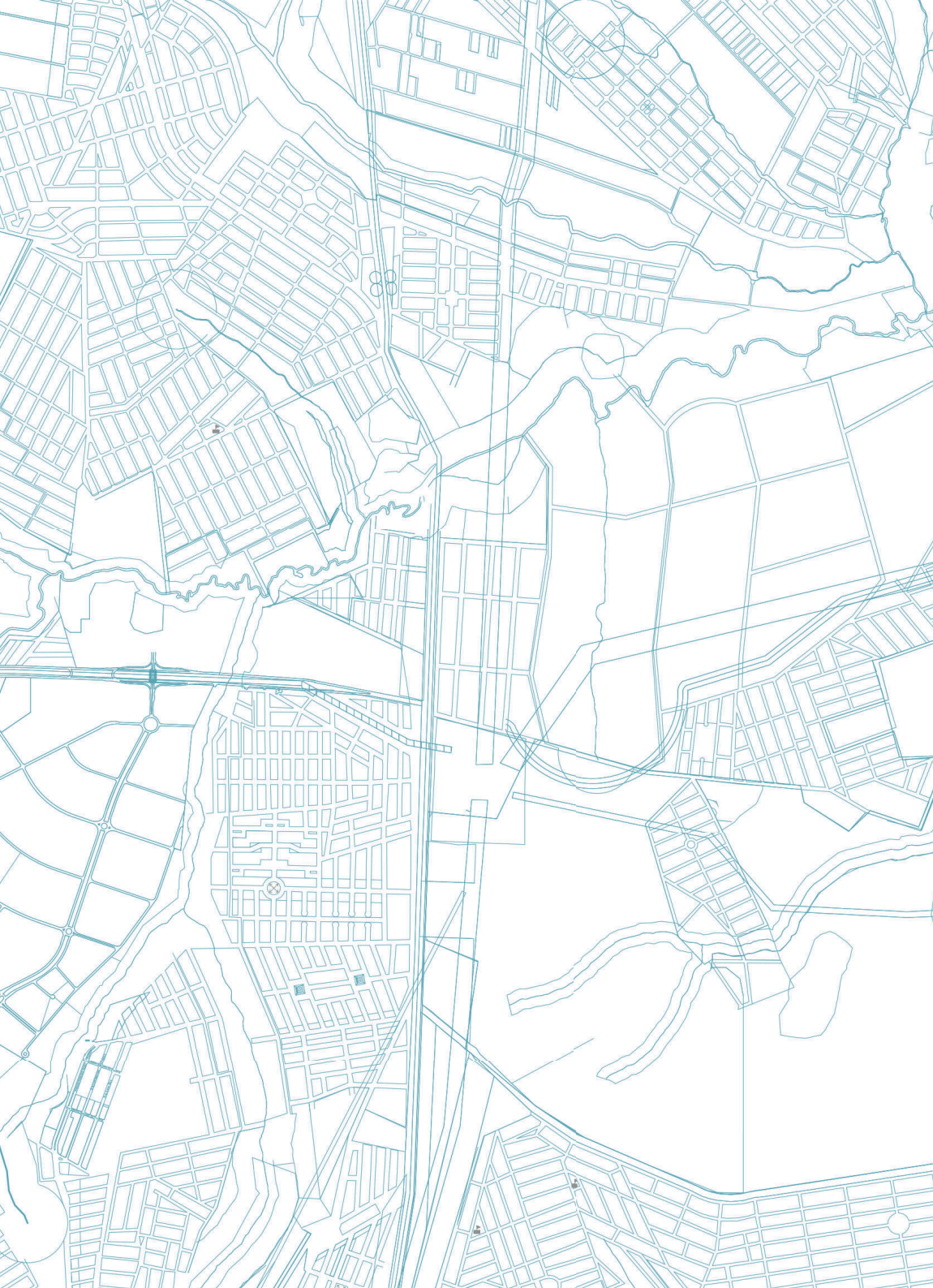
100

100

100

100
100
100
100
100

100
100
100
100
100



MERCADO PÚBLICO COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO

A palavra mercado acompanha o termo público, ressaltando seu caráter de espaço acessível e ministrado pela figura do Estado. É nesse espaço democrático de encontro que trocas comerciais e sociais são realizadas (VARGAS, 2001). Ao longo do período histórico essa instituição ocorreu de formas distintas, indo dos espaços abertos na Ágora grega e Idade Média aos ambientes edificados em estrutura metálica e concreto armado dos séculos XIX e XX.

O cerne da questão relacionada ao Mercado Público está associado ao abastecimento das cidades e comercialização de produtos agrários. Todavia, é preciso certa cautela para não ocorrer um anacronismo se tratando dessa questão, visto que o século XX, pós segunda guerra principalmente, transformou as dinâmicas humanas nos meios urbanos. Os super/hipermercados surgem para atender a essa sociedade de novos hábitos, com produtos processados e ultra processados mais duráveis. Ainda assim seria plausível estabelecer um Mercado no cenário atual?

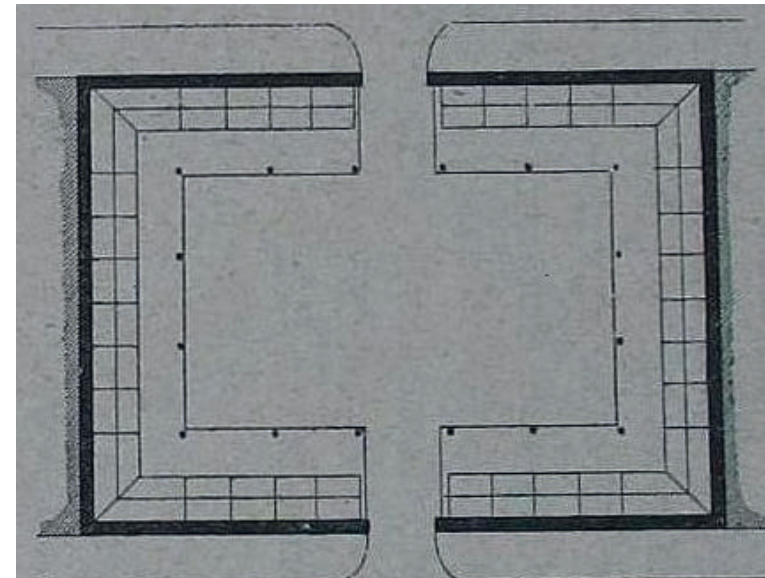
É possível resgatar o ideal de “espaço permeável” alinhado ao comércio e prestação de serviços. Ademais, o controle por parte do Estado impediria a ação predatória do setor privado e sua postura “gourmet”, muitas vezes gerador de desigualdades. Acompanhado a essas ressalvas, o emprego de funções condicionados ao local e ao perfil do usuário podem assegurar o bom funcionamento desse espaço.

Logo, o Mercado Público para Aparecida de Goiânia surge como expoente da sua particularidade baseada no setor terciário. É feita a ligação entre o urbanismo, representado pelas centralidades, e arquitetura, que busca um espaço acessível e de qualidade para a população. Um edifício que garanta não só o enrijecimento da identidade e desenvolvimento econômico, como também a manutenção da vida urbana.

Tipologicamente ao pensar em um Mercado Público vem em mente uma construção regular, com corredores interligados em que as manifestações comerciais ocorrem. Todavia, este cenário é apenas um dos tipos empregado nesses espaços. Murilha e Salgado (2011) percorrem os diferentes tipos dos mercados públicos brasileiros a partir do século XVIII. Os autores expõem que a tipologia com um pátio central, circundado por um corredor, foi amplamente utilizada em projetos em regiões diversas, tanto no século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

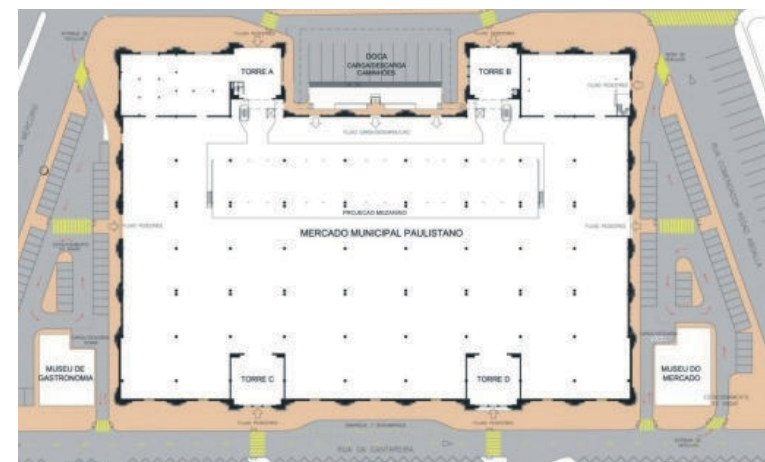
De acordo com Murilha e Salgado exemplares como o Mercado Público da Candelária e Mercado Público da Glória serviram de modelo para novos espaços com o mesmo intuito. Contudo, cabe ressaltar as influências europeias na questão estética, formal e técnica, com o emprego do ferro a partir de meados do século XIX. Assim, houve uma adequação do tipo com pátio central, sendo acrescentado do *lanternin*, elemento vertical disposto nas extremidades ou centralização nas plantas regulares.

A partir disso, é possível recorrer historicamente a linguagem destes exemplares, suas tecnologias construtivas e distribuição espacial. Deve haver uma releitura cautelosa, visando atender nossas demandas sem abrir mão da contemporaneidade.



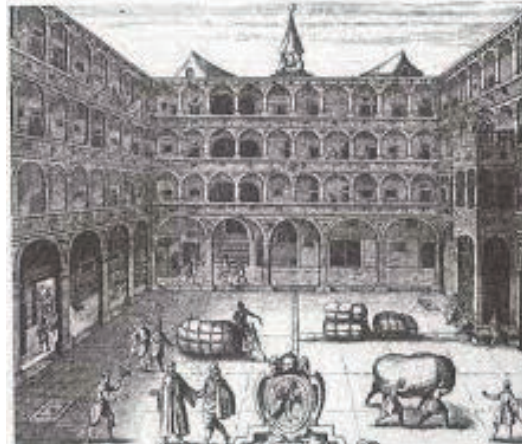
Tipologia com átrio central, cercado pela circulação com os boxes no perímetro

Fonte: Cloquet (1922) apud Murilha (2011), p.203



Tipologia com planta fechada e simétrica

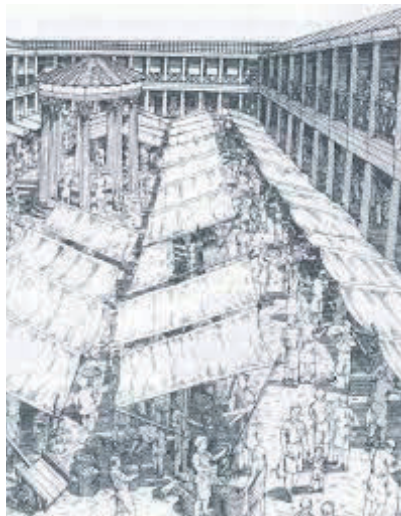
Fonte: Arquitetos Associados (2003)



Fondaco dei Tedeschi, Veneza
Fonte: Vargas, 2001, p 152

Idade Média

Idade Antiga



Espaço das trocas comerciais na Grécia e Roma Antiga
Fonte: Vargas, 2001



SÉC XIX

Palácio de Cristal de Londres em 1851, marco em técnicas construtivas com o ferro
Fonte: Wikipedia





Pavilhões do Mercado Público de Les Halles, Paris, 1863, com estrutura de ferro
Fonte: Victor Baltard and Félix Callet, Paris: A. Morel, 1863, plate 1

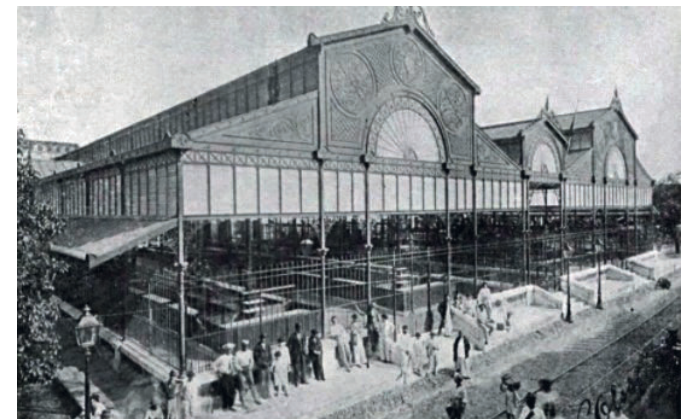
SÉC
XIX

NO
BRASIL

Mercado da Carne, Belém, 1867
Fonte: Hiroshi Bogéa



Mercado de Ferro de Fortaleza, 1896
Fonte: Marco Santiago





Mercado Público de Florianópolis, 1899
Fonte: Marco Santiago



Mercado Municipal de São Paulo, 1928
Fonte: Marco Santiago



ESTUDOS DE CASO

FEIRA DA CIDADE - Ananindeua - PA - 2005

MEIA DOIS NOVE ARQUITETURA E CONSULTORIA



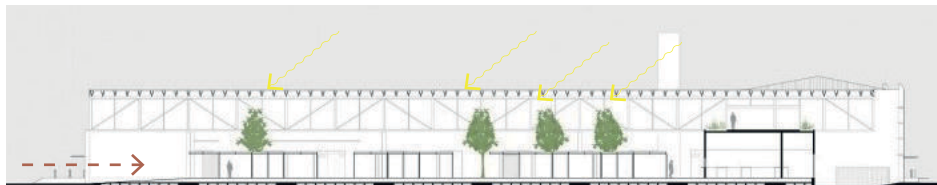
A necessidade por um espaço com melhores condições fez criar uma proposta para abrigar a tradicional “feira do quatro” no bairro da Cidade Nova, em Ananindeua. Houve uma preocupação, por parte do poder público e dos arquitetos em ordenar um espaço que atendesse as demandas dos comerciantes, assim como as necessidades locais dos moradores. Desse modo, foram considerados a setorização dos produtos comercializados e a materialidade.

Ao analisar a inserção da feira com seu entorno imediato é possível identificar a proximidade entre comerciantes e usuários, visto que não há limites físicos e de acessos ao espaço. A permeabilidade assegura as trocas e fluxos, refletindo na manutenção da vida urbana daquela região. Arelado a essa postura de projeto a setorização dos produtos contribui para que todas as mercadorias possam ser vistas. Para isso as bancas de peixes frescos e frutos do mar - principais produtos comercializados - foram dispostas na parte interna e central do espaço, fazendo o usuário percorrer pelos demais produtos.

É possível identificar neste projeto uma postura inversa aos shopping centers, que também são espaços comerciais. Contudo, há uma proximidade entre usuários e as trocas comerciais, um espaço sem segregação e mais democrático.

MERCADO PÚBLICO DE LAGES - Concurso Nacional de Arquitetura

HENRIQUE WOSIACK ZULIAN



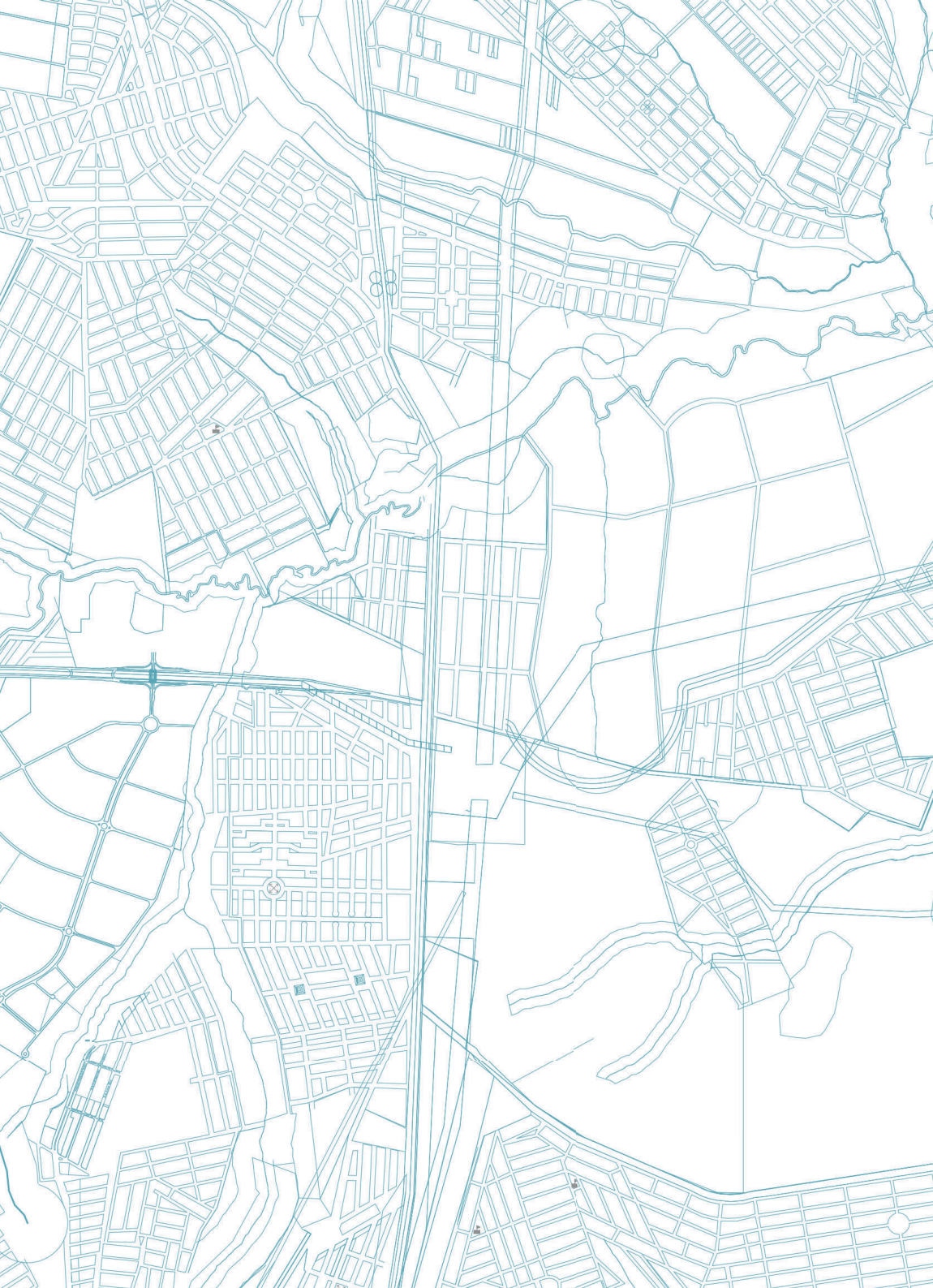
O primeiro lugar do concurso realizado em 2014 apresenta características que aproximam o projeto das técnicas construtivas tradicionais dos antigos mercados públicos.

A utilização da estrutura em aço faz um link com a tradição, sendo também adequado para vencer grandes vãos. Seu uso permitiu uma leveza e porosidade ao projeto; a iluminação natural adentra o edifício.

Outra postura histórica que foi reutilizada é a do pátio central. A proposta utilizou este elemento para fazer a conexão entre o antigo mercado de Lages e a nova intervenção. Ademais, houve uma adequação com o conforto térmico por meio de áreas permeáveis e ajardinadas no interior da edificação.

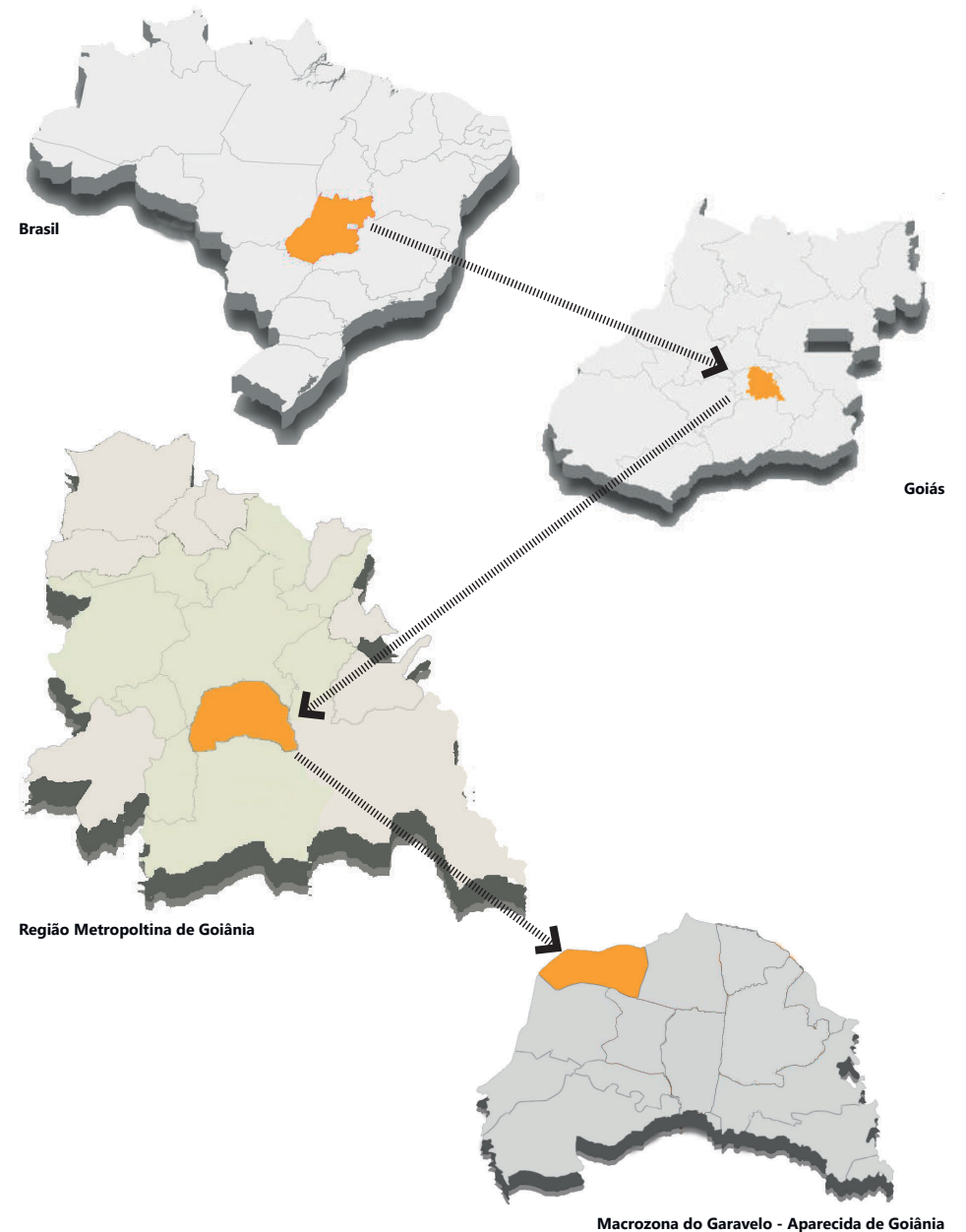
A preocupação em manter um espaço permeável e acessível foi uma das premissas projetuais adotadas no Mercado Público de Lages. A proximidade dos boxes com as áreas externas e o calçamento potencializa seu uso, garantindo o convívio entre usuários além das trocas comerciais.





ANÁLISE DO LOCAL: A INSERÇÃO NA CIDADE

A tomada da centralidade Garavelo como ferramenta de proposta se da pela fragilidade dessa região ainda em desenvolvimento, além de contemplar alguns pontos relevantes para o município aparecidense. Cabe citar a veemência do setor terciário, representado pela pluralidade do comércio e serviços. Outro destaque dessa localidade se da pelos fluxos. A disponibilidade de vias expressas e equipamento do transporte público são vetores que fortalecem seu desenvolvimento.



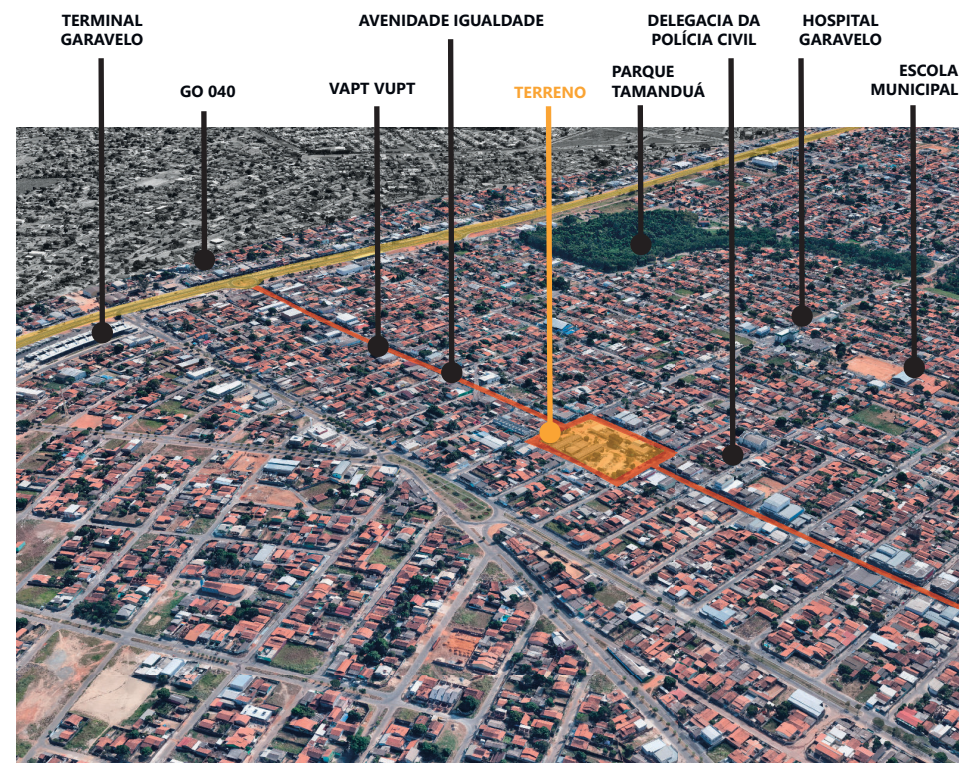
A região denominada Garavelo é dividida em etapas, sendo o Setor Garavelo Residencial Park, no município de Aparecida, objeto de estudo. Nele, está concentrado estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, dispostos principalmente ao longo da Avenida Igualdade, que faz conexão com a rodovia GO-040. Este bairro da região noroeste de Aparecida, loteado na década de 1970, possui infraestrutura satisfatória e alguns equipamentos públicos, como escola e uma sede da polícia civil.



Fonte: Autor



Por se tratar de um setor já consolidado há uma carência de espaços livres e públicos, com exceção da área do antigo CAIS Garavelo, posicionado estrategicamente no ponto médio da Avenida Igualdade. A localidade interrompe o traçado contínuo da via, surge como um ponto de respiro em meio a malha urbana já consolidada.



TERRENO E SEU ENTORNO

Fonte: Autor



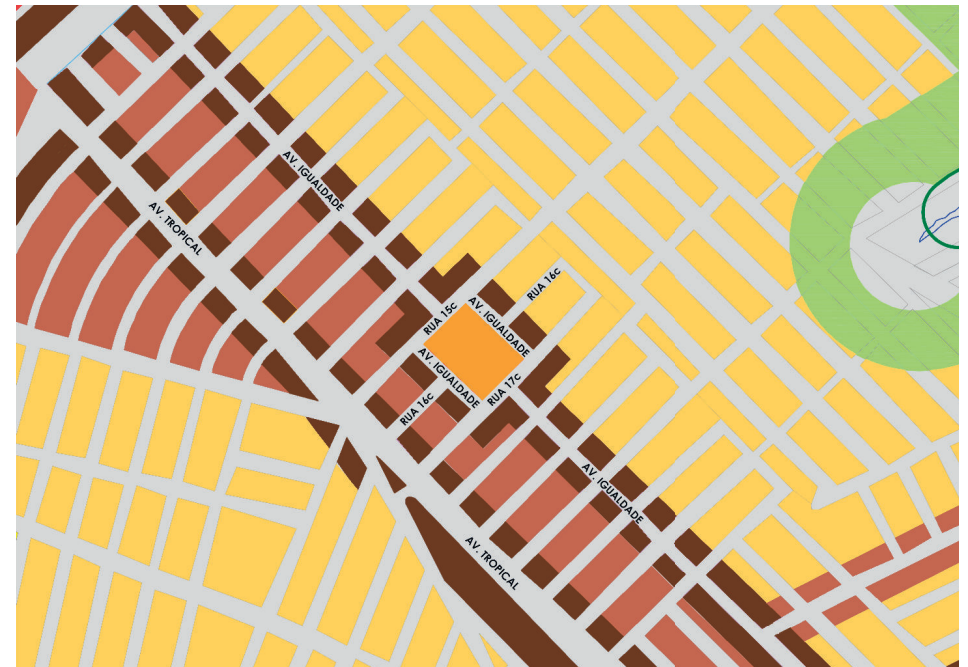
HIERARQUIA VIÁRIA

Fonte: Plano Diretor

- Estrutural (GO-040)
- Via arterial
- Via local
- Via coletora



Compreende-se, de acordo com as vias, que há uma conexão da extensa malha urbana, por meio da Estrutural GO-040, fazendo a ligação entre bairros de Goiânia e Aparecida. Assim como as vias arteriais, que conectam os diferentes bairros do município. Por essas vias há uma circulação expressiva, tanto de veículos particulares como os de transporte público, representado pelas linhas que interligam os demais locais de Aparecida.



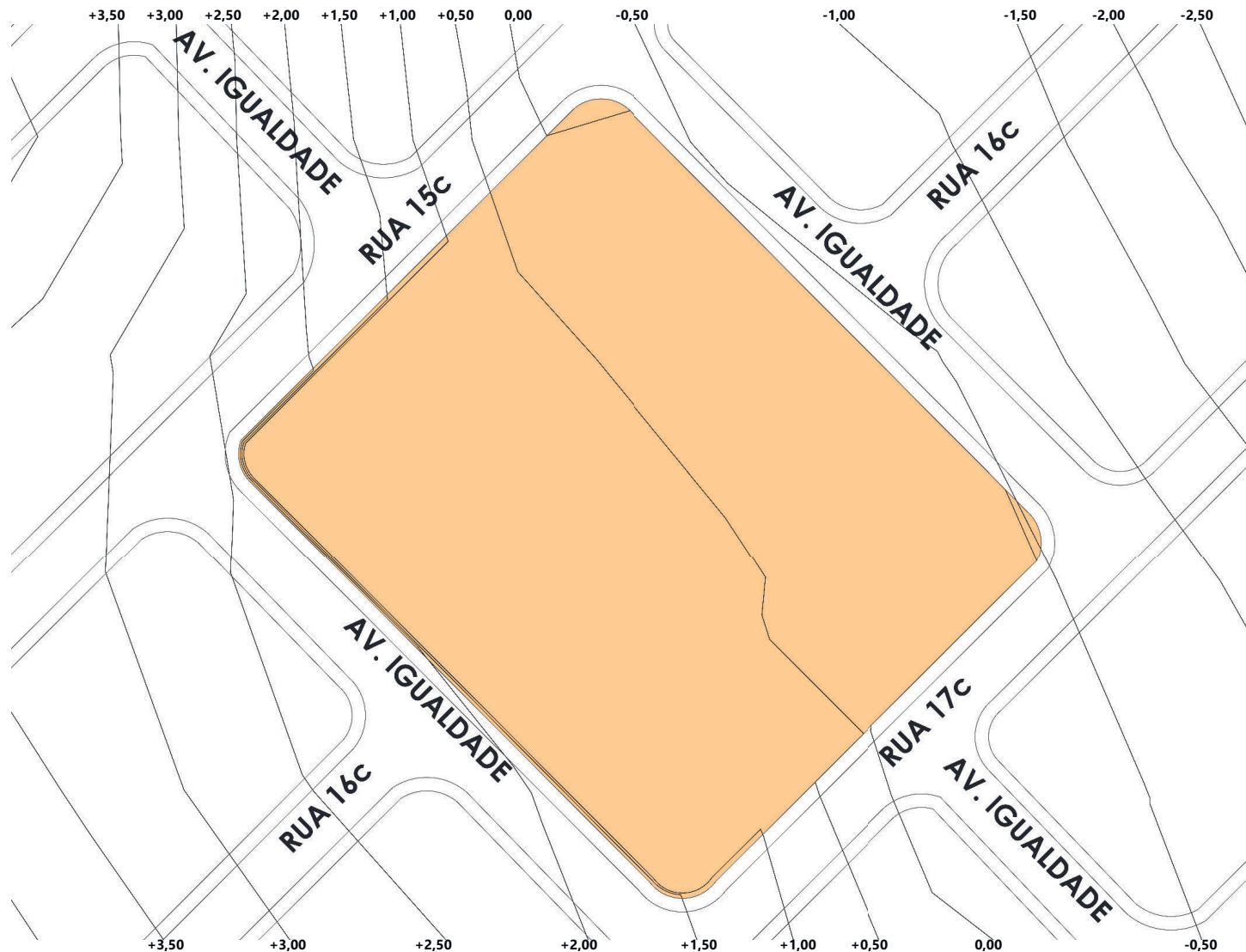
ZONEAMENTO

Fonte: Plano Diretor

- Zona Residencial de baixa densidade
- Zona Mista de baixa densidade
- Zona Mista de média densidade
- Área de proteção ambiental III
- Área a ser trabalhada



Com base no mapa de zoneamento urbano do Setor Garavelo Residencial Park é possível depreender a dinâmica desta área. Há uma predominância residencial nas quadras mais internas, com vias locais. Já ao longo das vias arteriais - Avenida Tropical e Avenida Igualdade - o uso misto de baixa e média densidade se faz relevante, havendo um prevalectimento de comércio e serviços variados.

**TERRENO**

Fonte: Autor



O terreno adequado para a proposta projetual apresenta formato retangular, de dimensões 98,00m x 120,00m. Sua área total é de aproximadamente 11.760m².

Sua declividade acontece de maneira sutil, tendo a faixa nordeste no nível 0,00 e a faixa sudoeste no nível +2,50.

O remanejamento das pré existências (CRAS e CMEI) para as proximidades - antes da escolha do terreno - resultou em um platô. A área ocupada pelo antigo CAIS Garavelo - demolido antes da escolha do terreno - deixou livre outro platô; havendo uma diferença de nível entre eles de 50cm.



Posição noroeste

Fonte: Google Maps



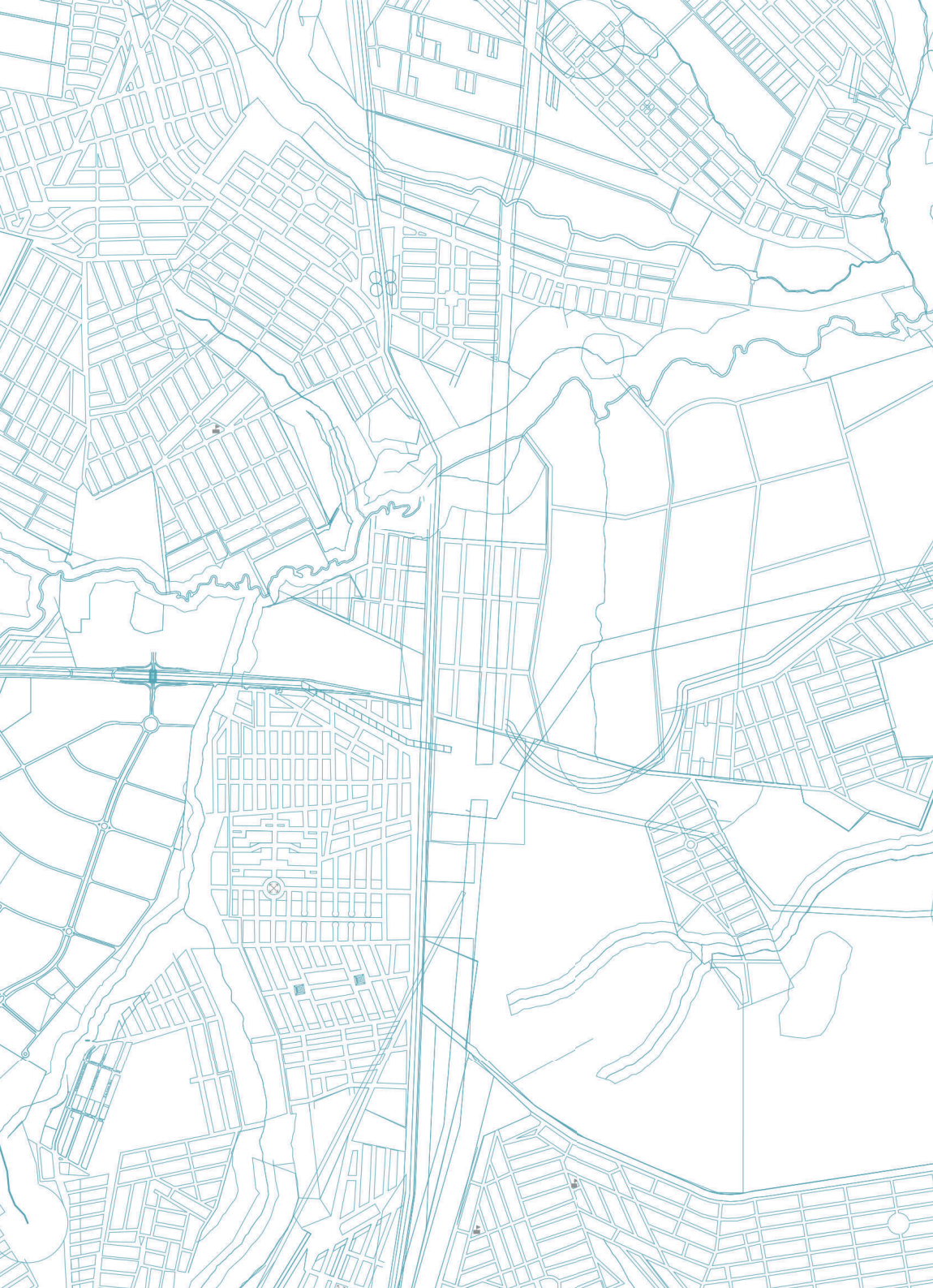
Posição norte

Fonte: Google Maps



Posição oeste

Fonte: Google Maps

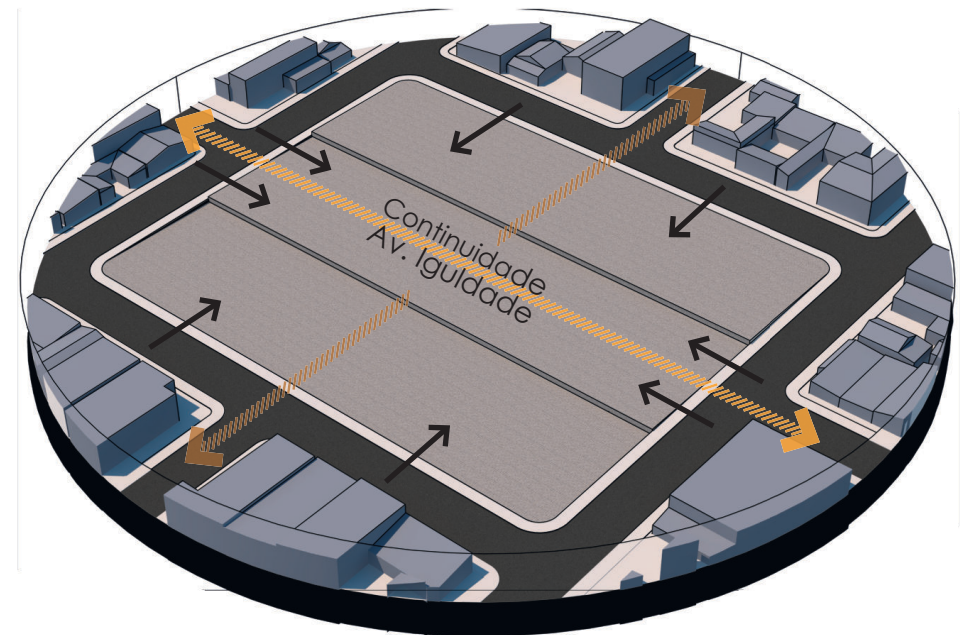
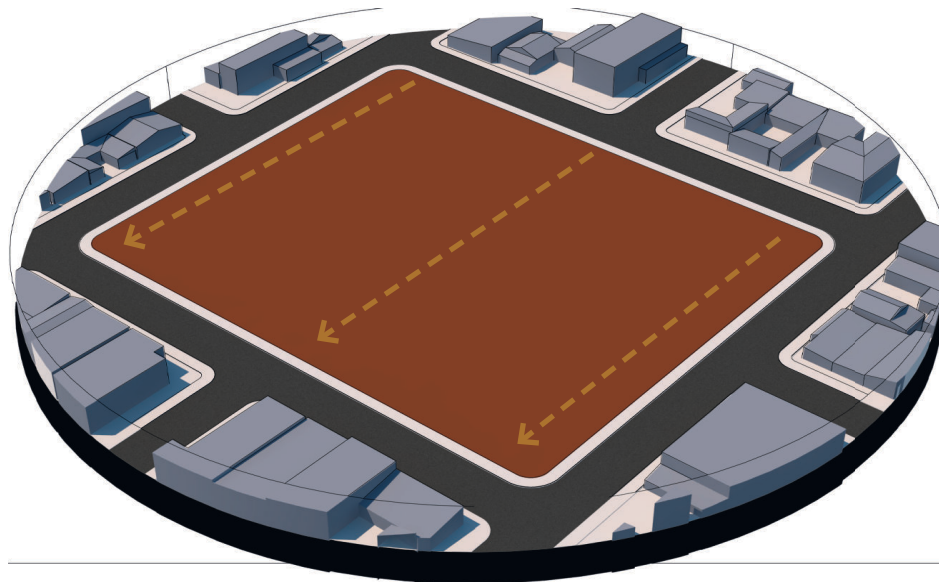


DIRETRIZES PROJETUAIS E VOLUMETRIA

Sendo um dos principais eixos estruturantes dessa região, a Avenida Igualdade apresenta uma grande importância, visto que ao longo da sua extensão acontece uma variedade de comércios e serviços.

O terreno escolhido, situado no ponto médio da avenida, interrompe sua continuidade. Assim, buscou-se integrar esse eixo no terreno com a ressalva de priorizar somente o pedestre. O mesmo acontece com a rua 16c que transpassa o terreno.

Atrelado a essa questão, foi preciso trabalhar com platôs para adequar o projeto ao desnível de 2,5 metros. O resultado consistiu em três platôs, um dando continuidade a avenida e os outros dois no nível das vias laterais.

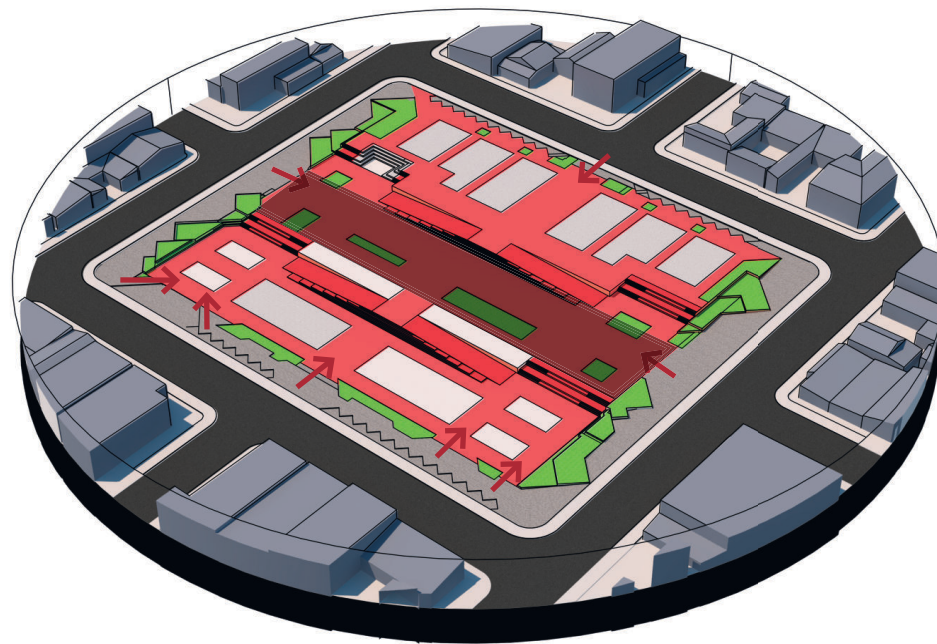


Definido os níveis foi necessário interligá-los com rampas e escadas a fim de vencer a diferença de 1,28 metros entre eles. Buscou-se relacionar áreas de permanência em algumas escadas, dando uma opção de descanso aos usuários.

As jardineiras nas laterais sudeste e noroeste delimitam os acessos e diminui a diferença de nível entre os platôs.

Há uma releitura do pátio central dos antigos mercados, porém servindo também como caminho, dando continuidade a Avenida Igualdade.

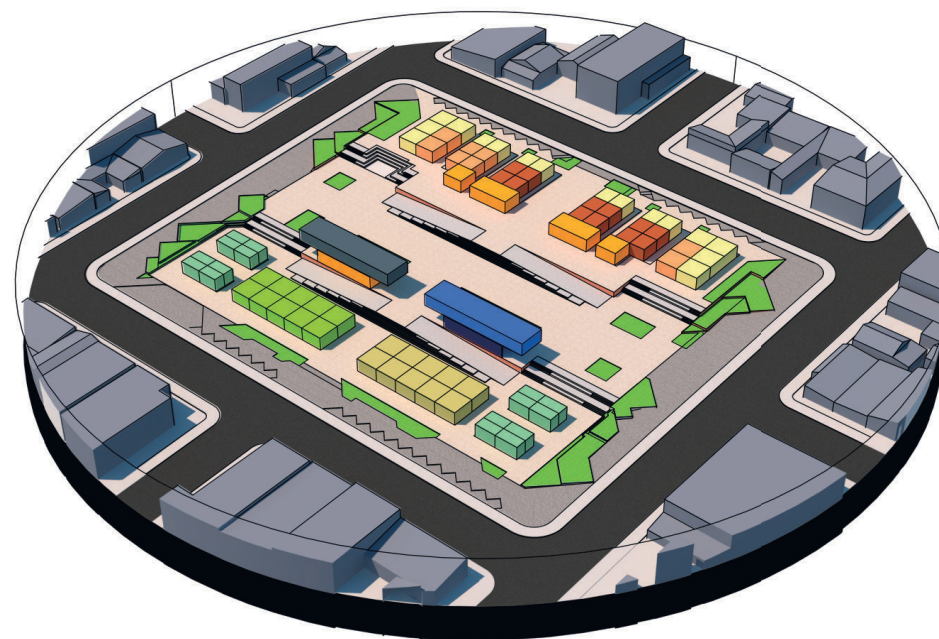
A circulação conduziu a setorização a partir de uma malha marcada por um espaçamento X e 2X.



Em relação aos usos, estes estão dispostos de acordo com o programa. No platô mais baixo foi locado boxes destinados ao uso tradicionais de um mercado, como **verduras e legumes**, **laticínios**, **carne**, **cereais e frutas**.

Já no platô mais alto os boxes de **alimentação** - próximos ao pátio central - **utensílios**, **ervas**, **especiarias e condimentos**, **produtos diversos**, **sebo e brechós/feiras temporárias** se fazem presentes.

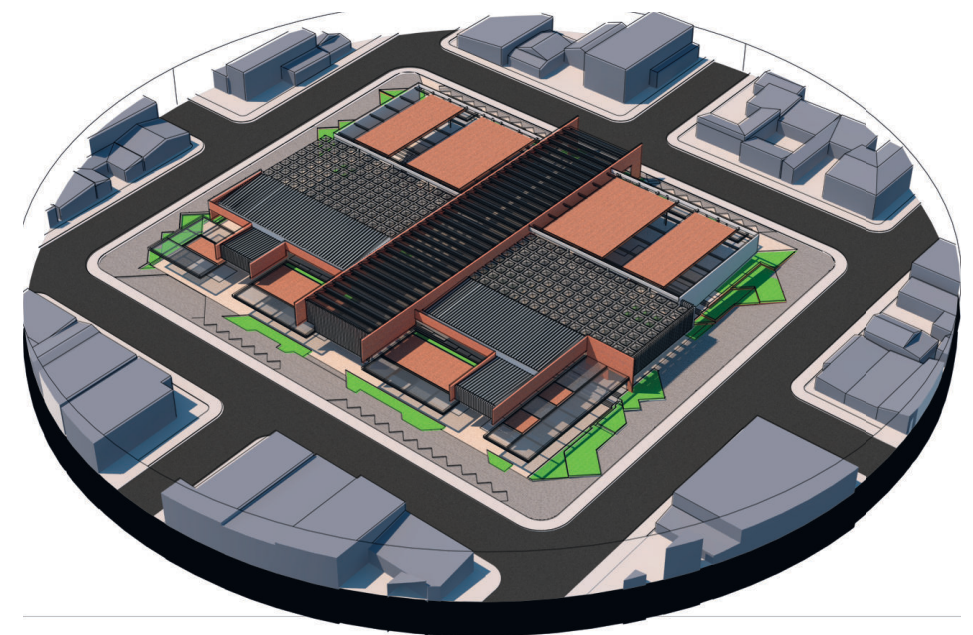
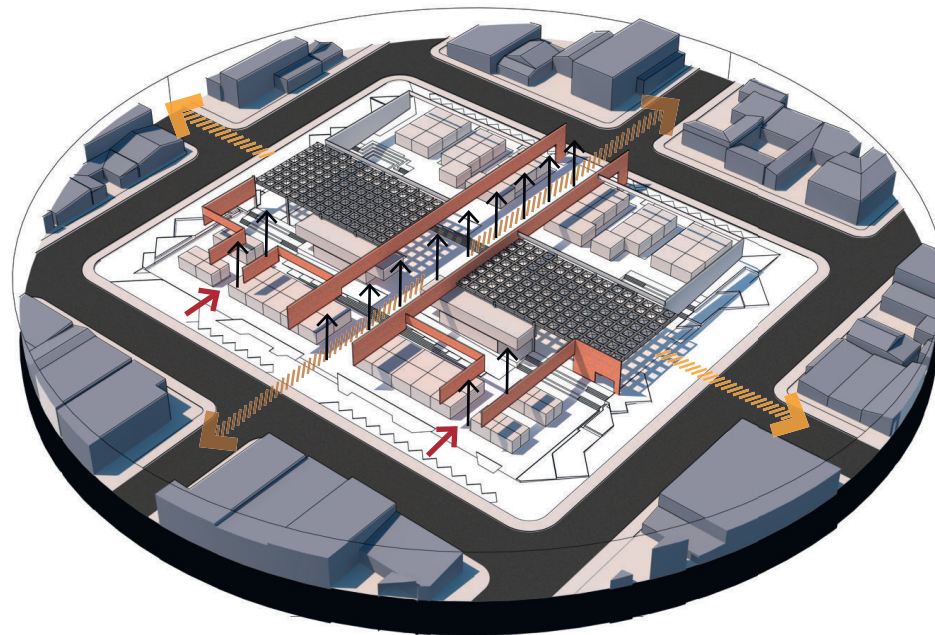
Coube ao platô do meio um boxe de alimentação, além das áreas dos **sanitários e serviços**. No mezanino foram dispostos o espaço do **coworking mais biblioteca** e a administração do mercado, também com espaço para os funcionários.



A volumetria acontece de acordo com as premissas dos eixos que transpõem o terreno.

Ergue-se um volume em blocos cerâmicos maciços acompanhando a continuidade da rua 16c. A mesma materialidade é aplicada em volumes menores, ressaltando os acessos pelo nível mais baixo. Já uma casca permeável, com cobogós, envelope os boxes do nível mais elevado.

O pátio central se destaca com uma laje nervurada porosa, trazendo luminosidade e ventilação para essa parte do edifício.



Por fim, a cobertura completa a volumetria por meio da variação entre luz e sombra. Enquanto o pátio e o volume oriundo do eixo da rua 16c apresentam uma luminosidade, em contrapartida lajes e telhas metálicas trazem mais solidez, ressaltando a luz em algumas áreas.

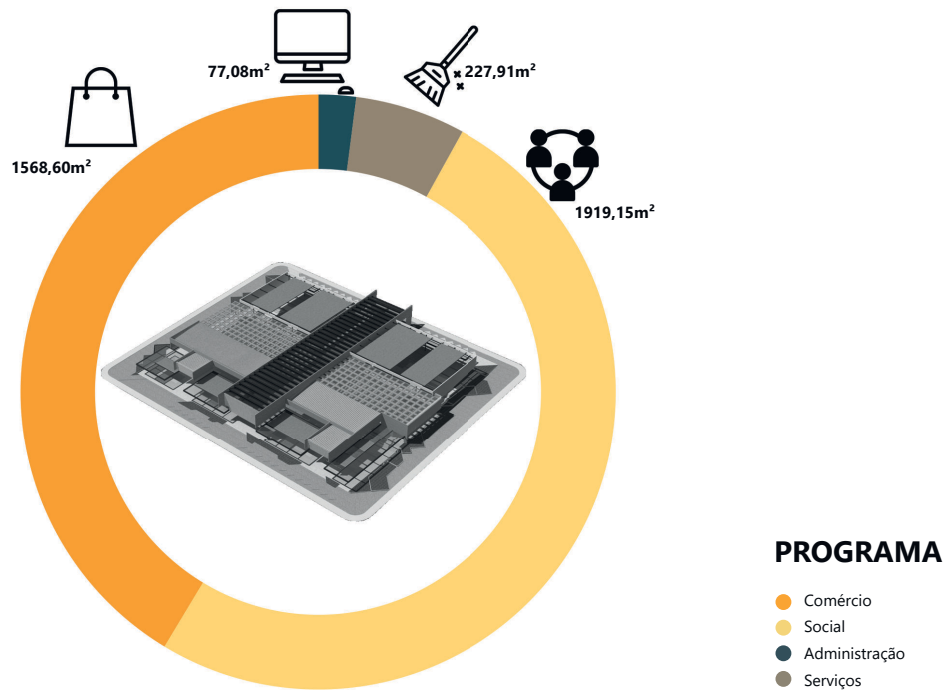
Foi considerado o conforto térmico na escolha de alguns materiais, como o uso da argila expandida nas lajes e telhas termoacústicas.

PROGRAMA

Foi proposto um programa adequado de acordo com a dinâmica da localidade em que o projeto está inserido. O comércio é o elemento principal, assim como nos mercados tradicionais, mas com novos usos - sebo, brechós - para potencializar o uso além do horário comercial.

Ademais, deu-se importância para a questão social, dando espaço para o convívio e permanência entre os usuários, principalmente pelo pátio central. Em contrapartida do shopping center a permeabilidade do projeto garante um espaço acessível e democrático.

Administração e serviços complementam o programa, dispostos na parte central do edifício, distribuído no térreo e mezanino.



SETOR	AMBIENTES	ÁREA (m²)
ADMINISTRAÇÃO	Copa	23,52
	Sala descanso	14,85
	Sala de reunião	19,1
	Sala segurança	4,51
	Sanitários	6,6
	Recepção	8,5
	TOTAL	77,08
SERVIÇOS	dml	2,05
	Banheiros	33,35
	Infraestrutura	192,51
	TOTAL	227,91
SOCIAL	Coworking/ biblioteca	77,8
	Sala de reunião	17,6
	Arquibancada	93,75
	Pátio central	1730
	TOTAL	1919,15
COMÉRCIO	Verduras/legumes	250
	Laticínio	125
	Carnes	125
	Cereais/frutas	187,5
	Utensílios	137,4
	Especiarias	168,7
	Diversos	250
	Alimentação	325
	TOTAL	1568,6

MERCADO PÚBLICO DE
APARECIDA DE GOIÂNIA



Visada norte



Visada sul



Visada oeste



Visada leste



COBERTURA

O plano de lajes impermeabilizadas com argila expandida garante um conforto térmico do ambiente, ocorrendo ainda uma semelhança com o entorno.

Buscando utilizar hora da luz hora da sombra a leja nervurada com aberturas zenitais ressaltam os eixos estruturantes do projeto, enquanto a telha termoacústica ressalta a penumbra.

FACHADA

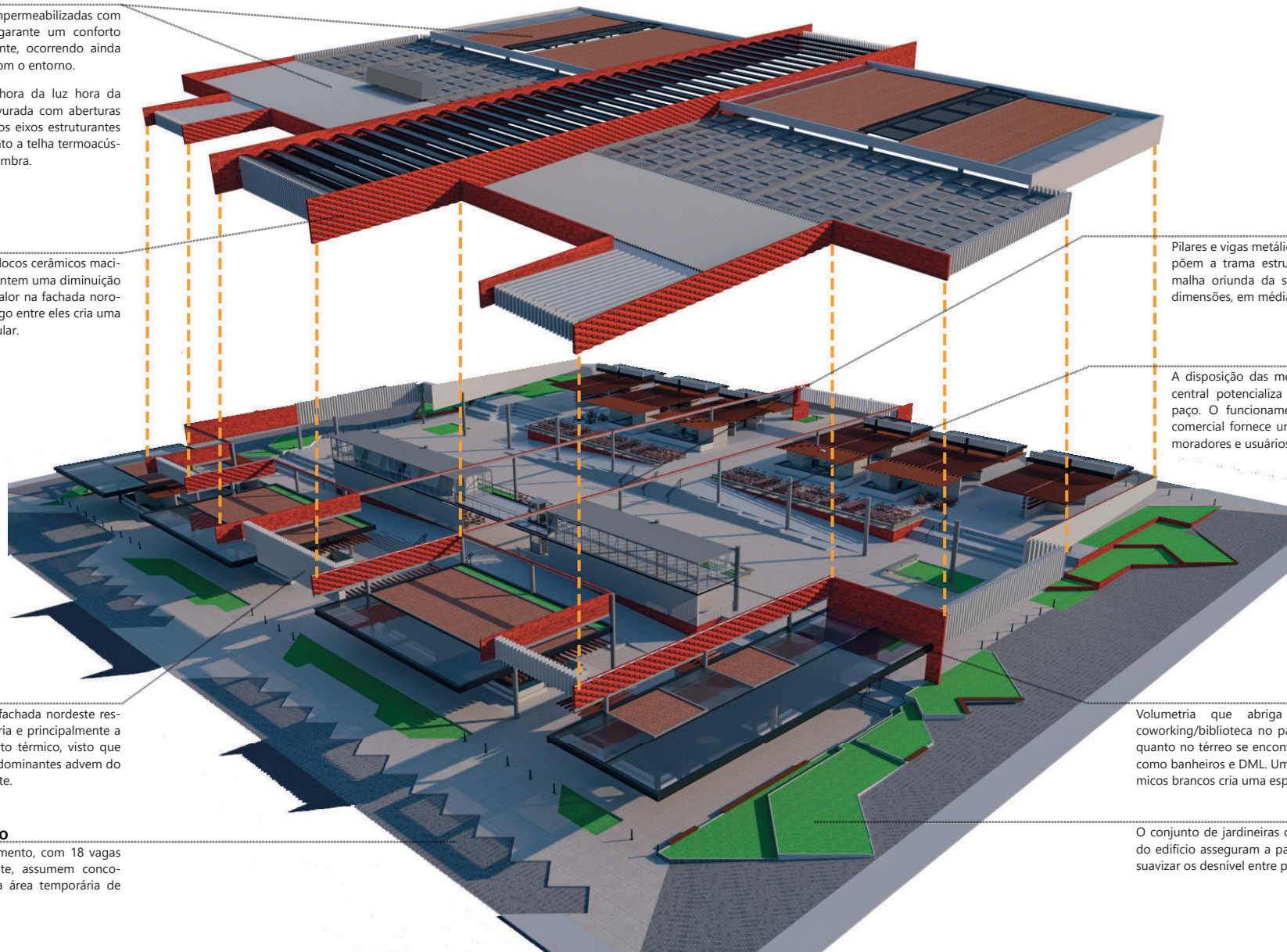
A disposição dos blocos cerâmicos maciços inclinados garantem uma diminuição na dissipação de calor na fachada noroeste. Ademais, o jogo entre eles cria uma composição particular.

BRISES

Brises verticais na fachada nordeste ressaltam a volumetria e principalmente a questão do conforto térmico, visto que os ventos frios predominantes advem do sentido leste/sudeste.

ESTACIONAMENTO

Área de estacionamento, com 18 vagas na porção nordeste, assumem concomitantemente uma área temporária de carga e descarga



ESTRUTURA

Pilares e vigas metálicas e de concreto compõem a trama estrutural da edificação. A malha oriunda da setorização possibilitou dimensões, em média, de 30 a 50 cm.

CONVIVÊNCIA

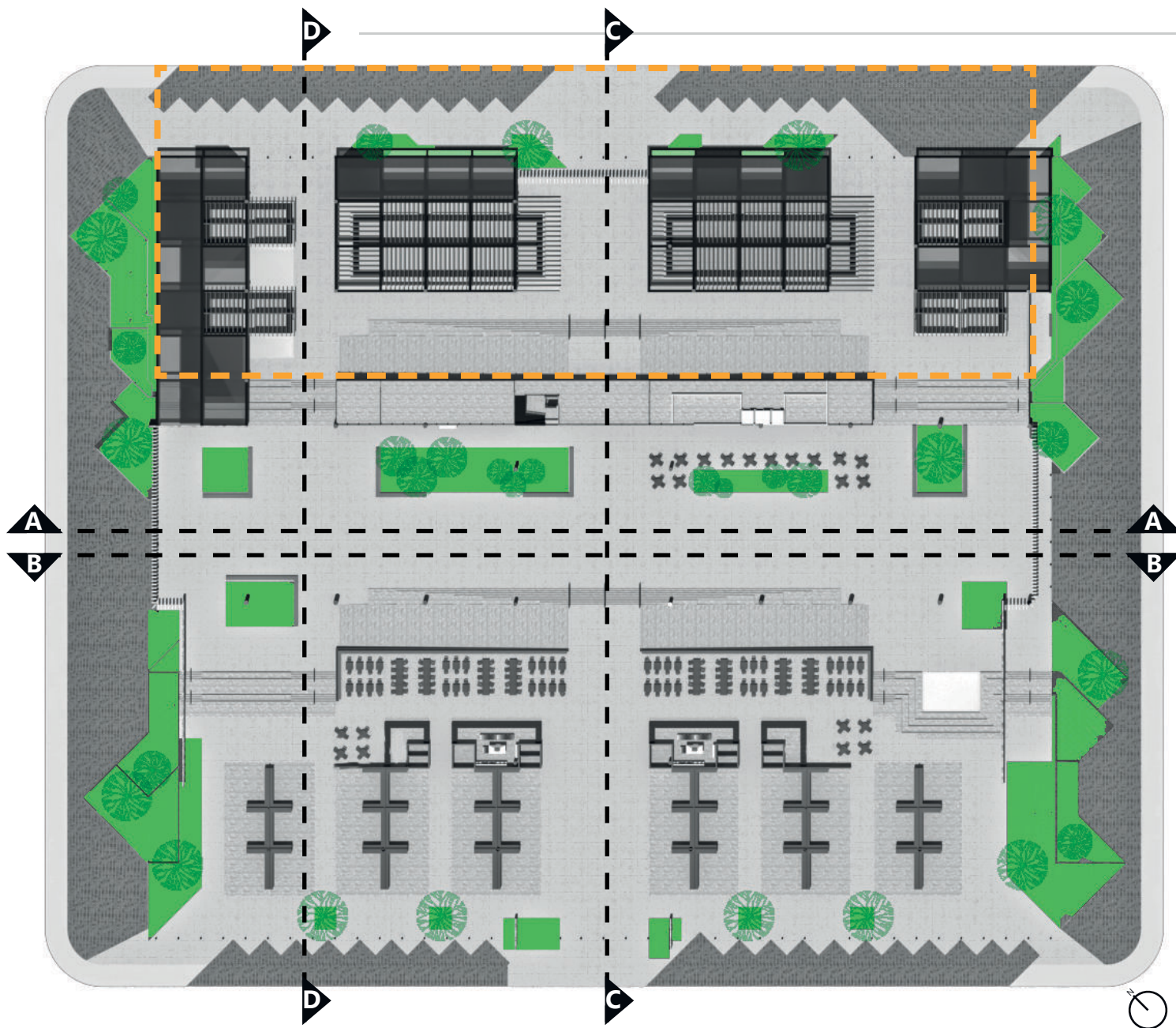
A disposição das mesas próximo ao pátio central potencializa a convivência do espaço. O funcionamento além do horário comercial fornece uma opção de lazer aos moradores e usuários.

PROGRAMA

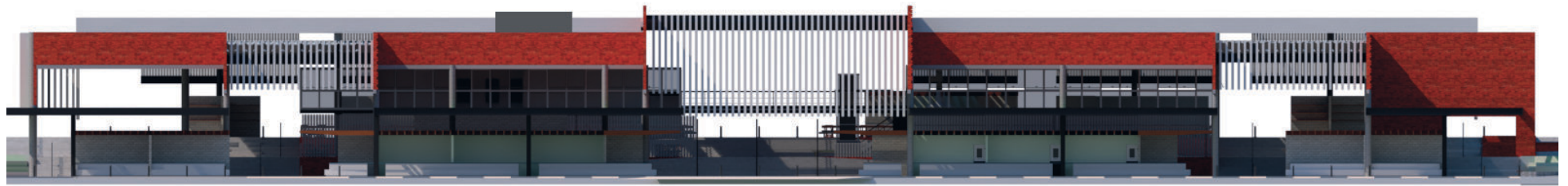
Volumetria que abriga a administração e coworking/biblioteca no pavimento superior, enquanto no térreo se encontra as áreas de serviço, como banheiros e DML. Uma trama de blocos cerâmicos brancos cria uma espécie de parede vazada.

PERMEABILIDADE

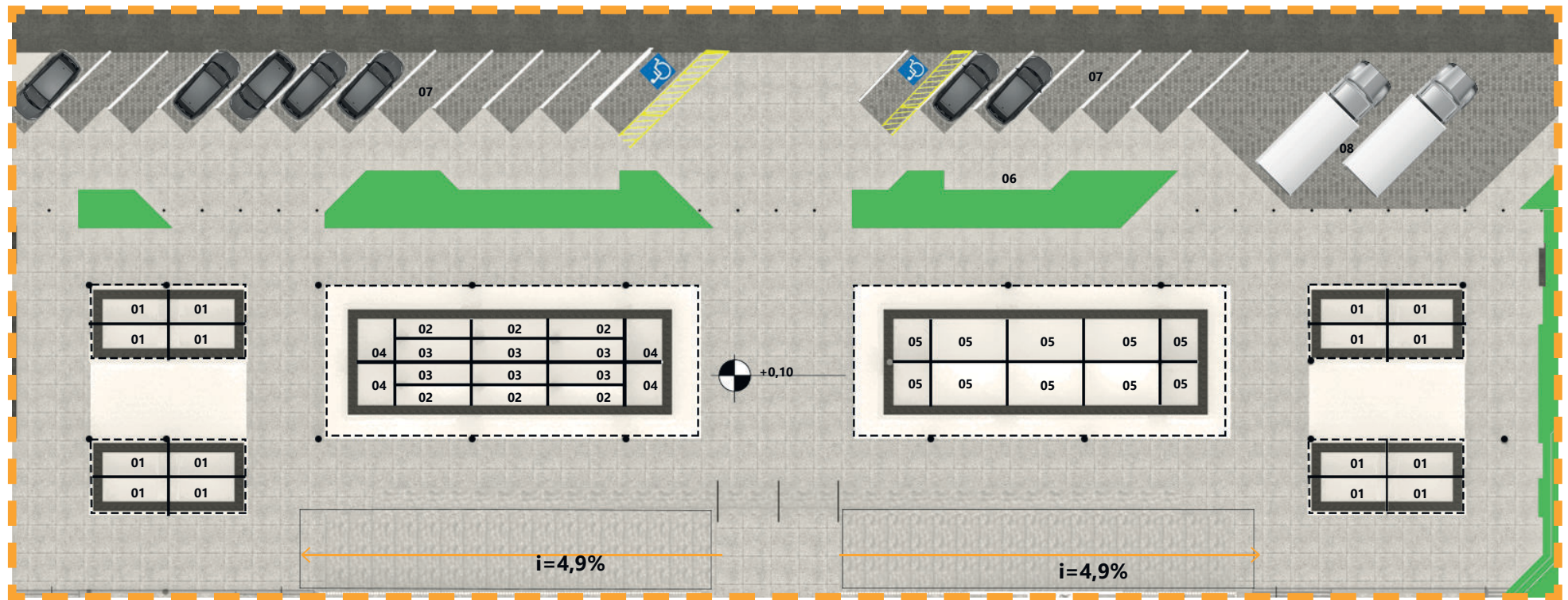
O conjunto de jardineiras dispostas no perímetro do edifício asseguram a permeabilidade, além de suavizar os desnível entre platôs.



- 01 Boxes de frutas/cereais
- 02 Boxes de carnes
- 03 Câmara fria
- 04 Laticíneos
- 05 Boxes verduras, legumes e hortaliças
- 06 Bicletário
- 07 Vagas
- 08 Carga e descarga



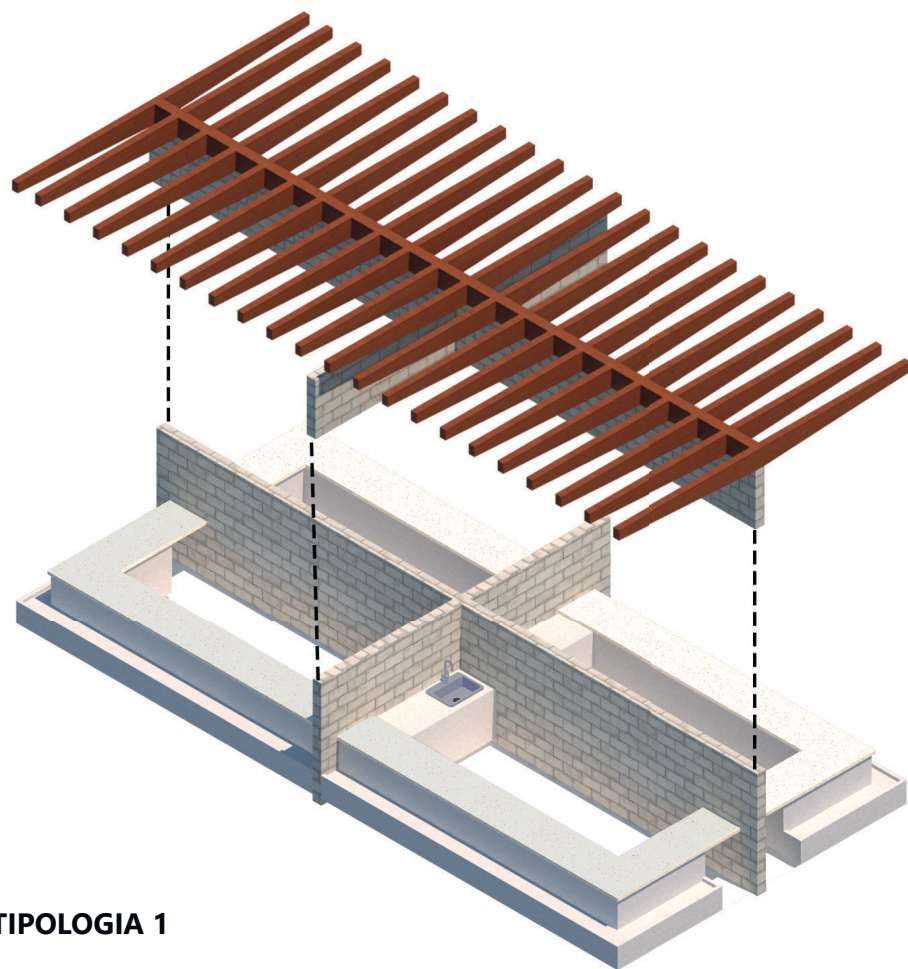
FACHADA NORDESTE



PLANTA TÉRREO 1

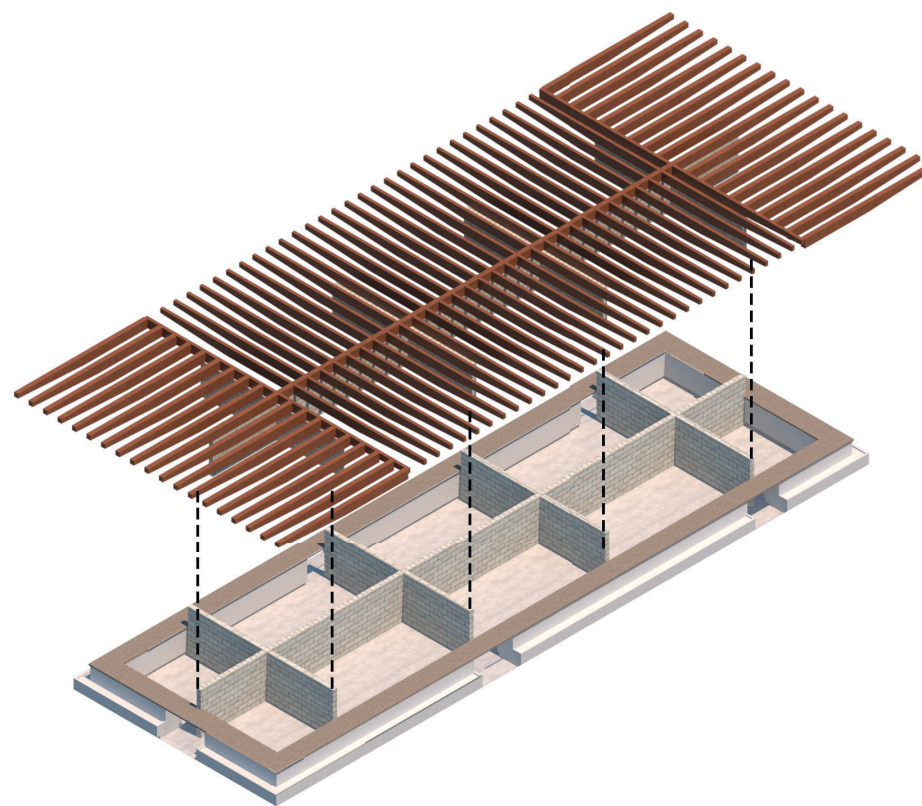


Os boxes para frutas e cereais são subdivididos em quatro, com espaço para expor as mercadorias. Uma cuba em cada divisão foi disposta visando auxiliar no trabalho do permissionário.



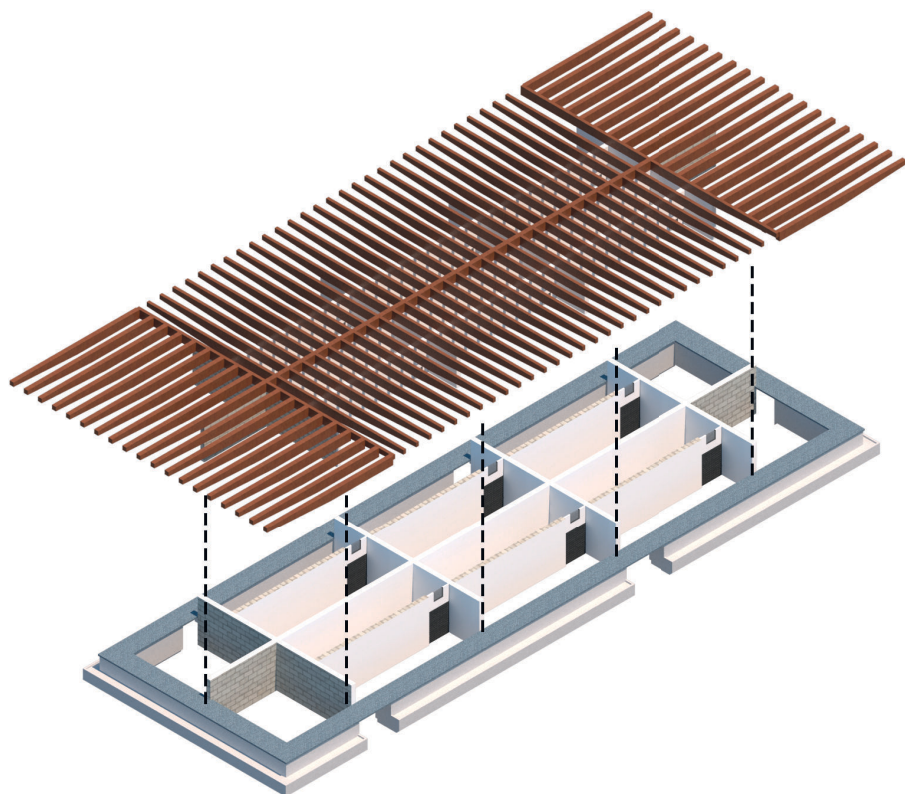
TIPOLOGIA 1

O comércio de verduras, legumes e hortaliças acontece entre oito divisões, com uma área para exposição da mercadoria e um balcão delimitando o espaço.

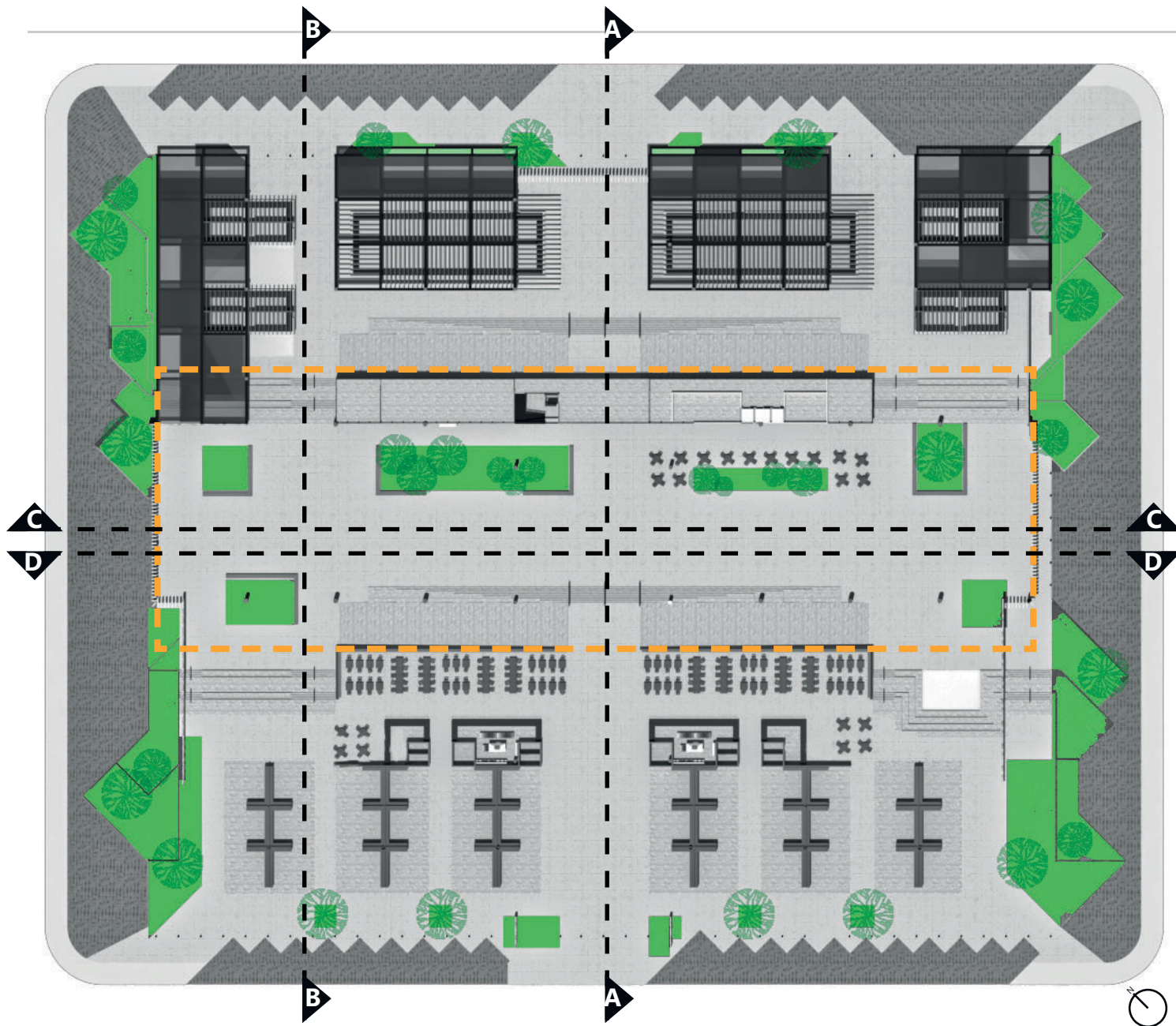


TIPOLOGIA 2

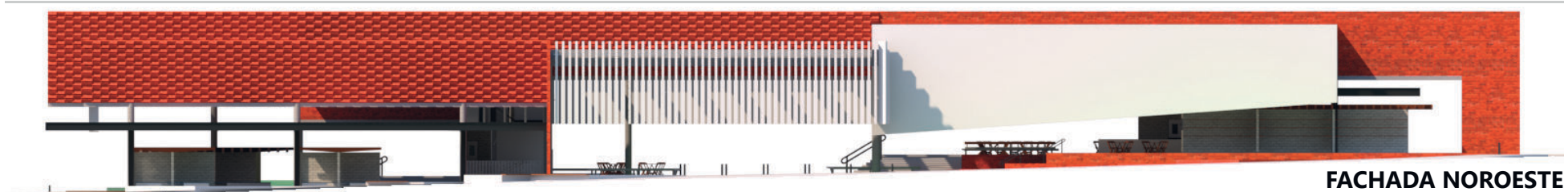
A tipologia destinada a comercialização de carnes segue a mesma modulação, com o diferencial de uma área a mais para abrigar as câmeras frias no fundos dos box. As quatro divisões encontradas nas extremidades não apresentam câmara fria por se tratar da venda de produtos de laticíneos.



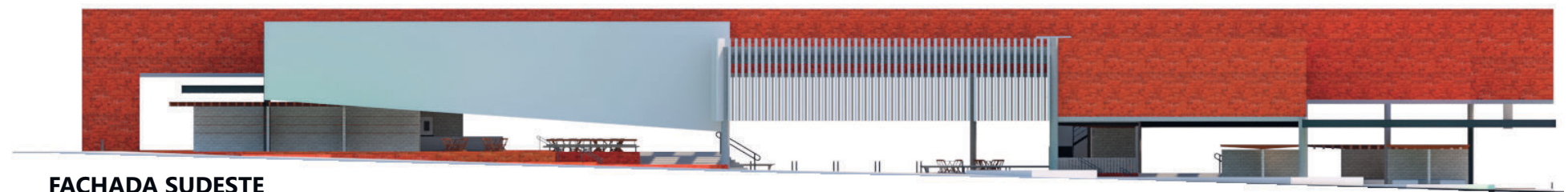
TIPOLOGIA 3



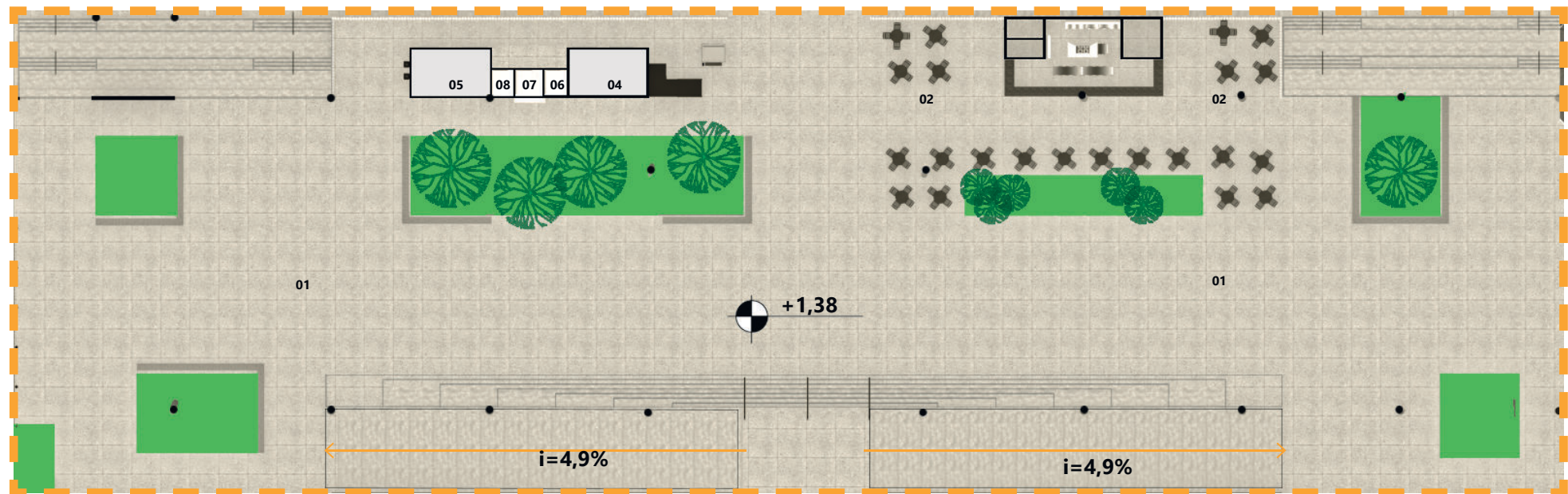
- 01 Pátio
- 02 Área de alimentação
- 03 Boxe de alimentação
- 04 WC Masculino
- 05 WC Feminino
- 06 WC pcd
- 07 DML
- 08 WC família



FACHADA NOROESTE



FACHADA SUDESTE



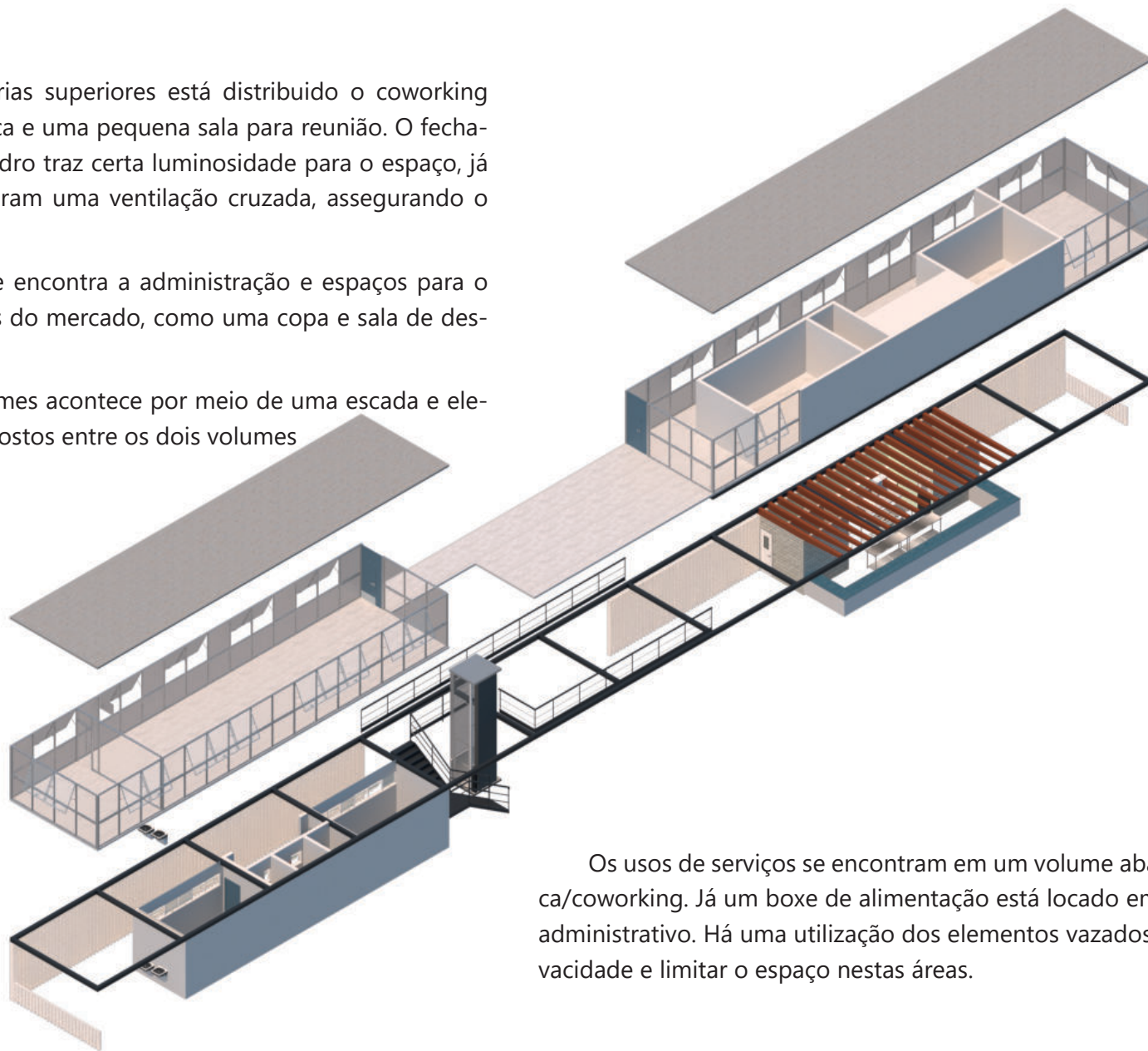
PLANTA TÉRREO 2



Em uma das volumetrias superiores está distribuido o coworking juntamente com a biblioteca e uma pequena sala para reunião. O fechamento com uma pele de vidro traz certa luminosidade para o espaço, já as janelas paralelas asseguram uma ventilação cruzada, assegurando o conforto térmico.

Já no outro volume se encontra a administração e espaços para o convívios dos comerciantes do mercado, como uma copa e sala de descanso.

O acesso para os volumes acontece por meio de uma escada e elevador para cadeirante, dispostos entre os dois volumes



Os usos de serviços se encontram em um volume abaixo da biblioteca/coworking. Já um boxe de alimentação está locado embaixo do bloco administrativo. Há uma utilização dos elementos vazados para trazer privacidade e limitar o espaço nestas áreas.

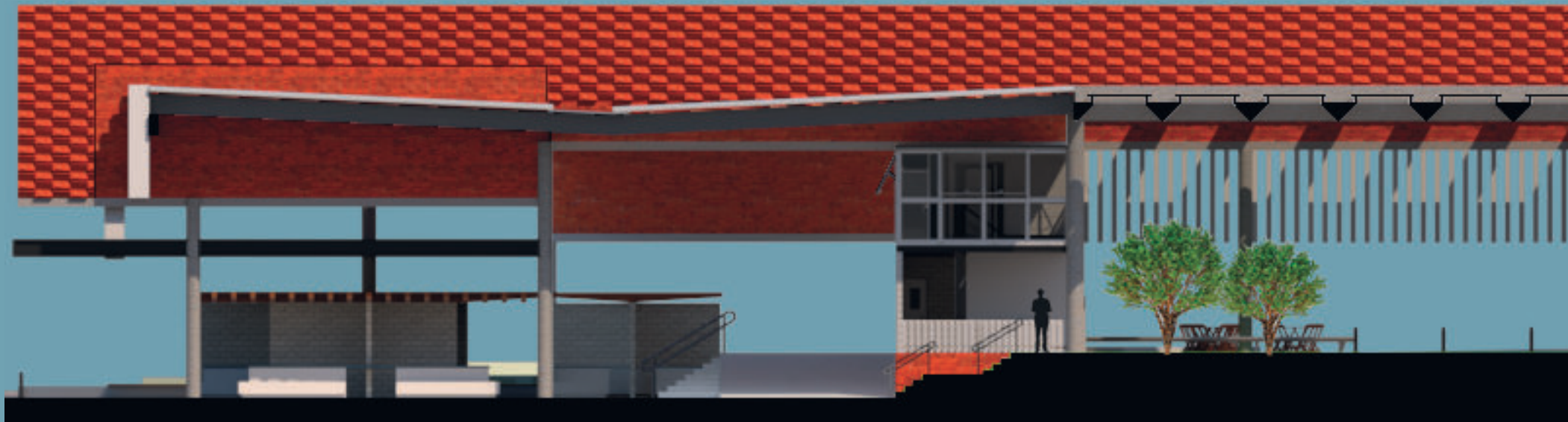
Mezanino



Vista interna com destaque do mezanino e parte do fechamento de cobogo



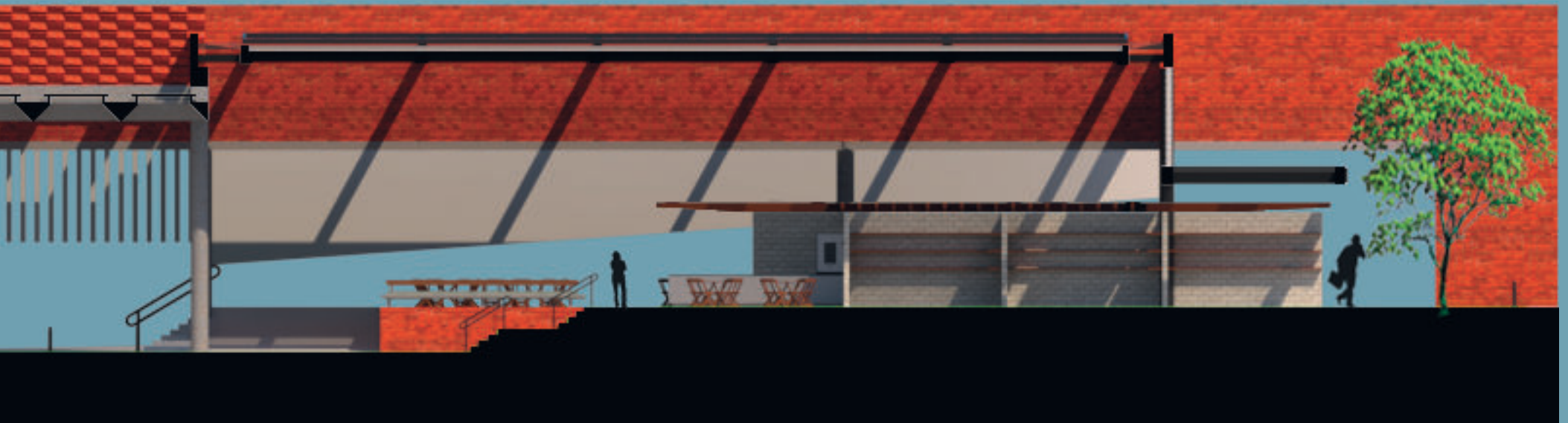
CORTE A



CORTE B



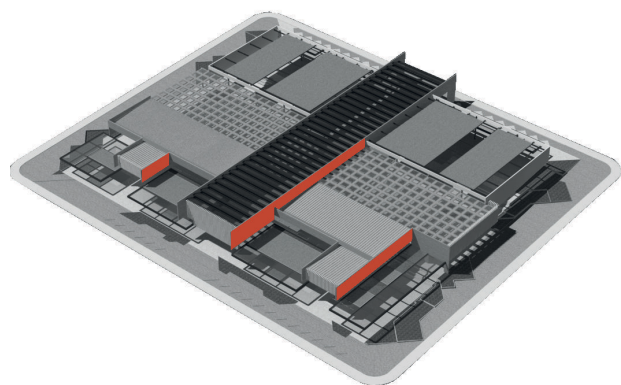
0 5 10



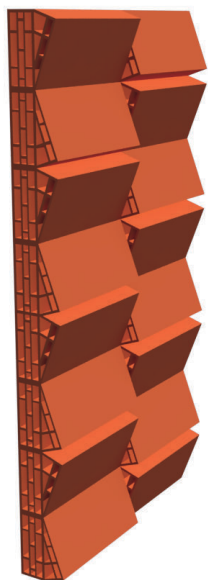
0 5 10



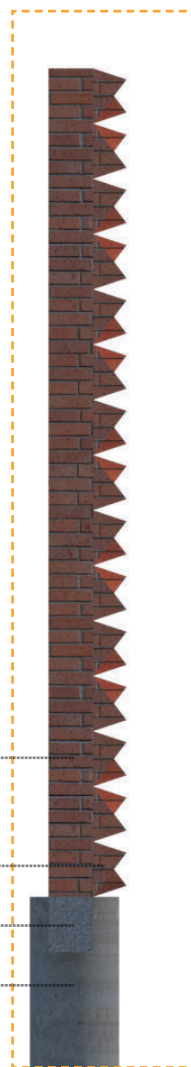
Detelhe de parte da fachada noroeste



FACHADAS COM O BLOCO TD



DETALHE DOS BLOCOS TD



ALVENARIA ESTRUTURAL

BLOCO

VIGA CONCRETO

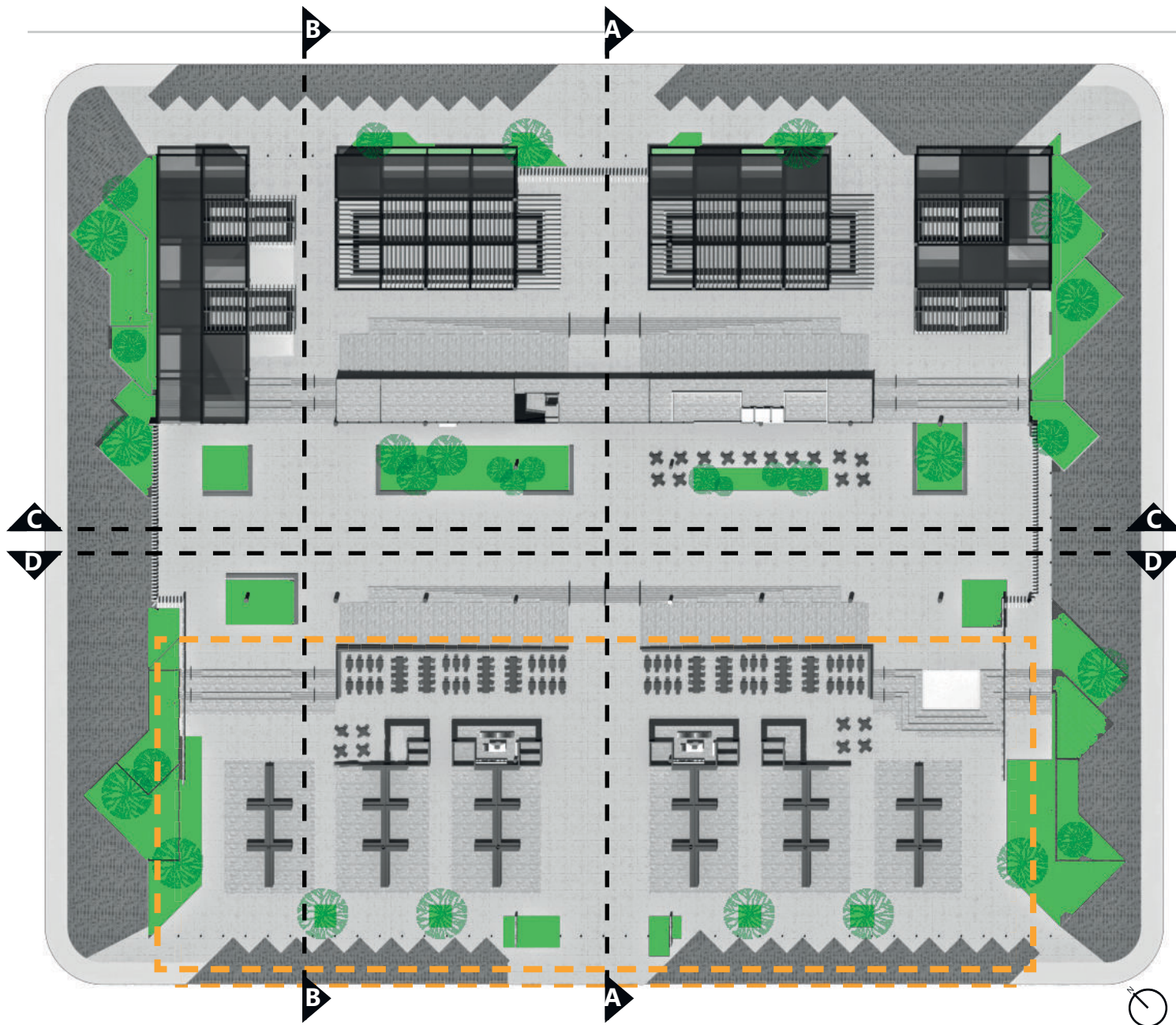
PILAR CONCRETO

DETALHE EM CORTE

O bloco termodissipador (TD), criado pelos arquitetos colombianos Migue Niño e Johanna Navarro do escritório Sumart Diseño y Arquitectura foi utilizado na composição da fachada. O elemento sustentável busca reduzir a dissipação do calor internamente nos ambientes.

Sua composição se assemelha aos blocos vazados tradicionais, contudo há uma irregularidade triangular em sua superfície. O ângulo de 114° assegura o redirecionamento dos raios solares, além de aumentar a área da superfície, dificultando o calor de adentrar no interior do espaço.

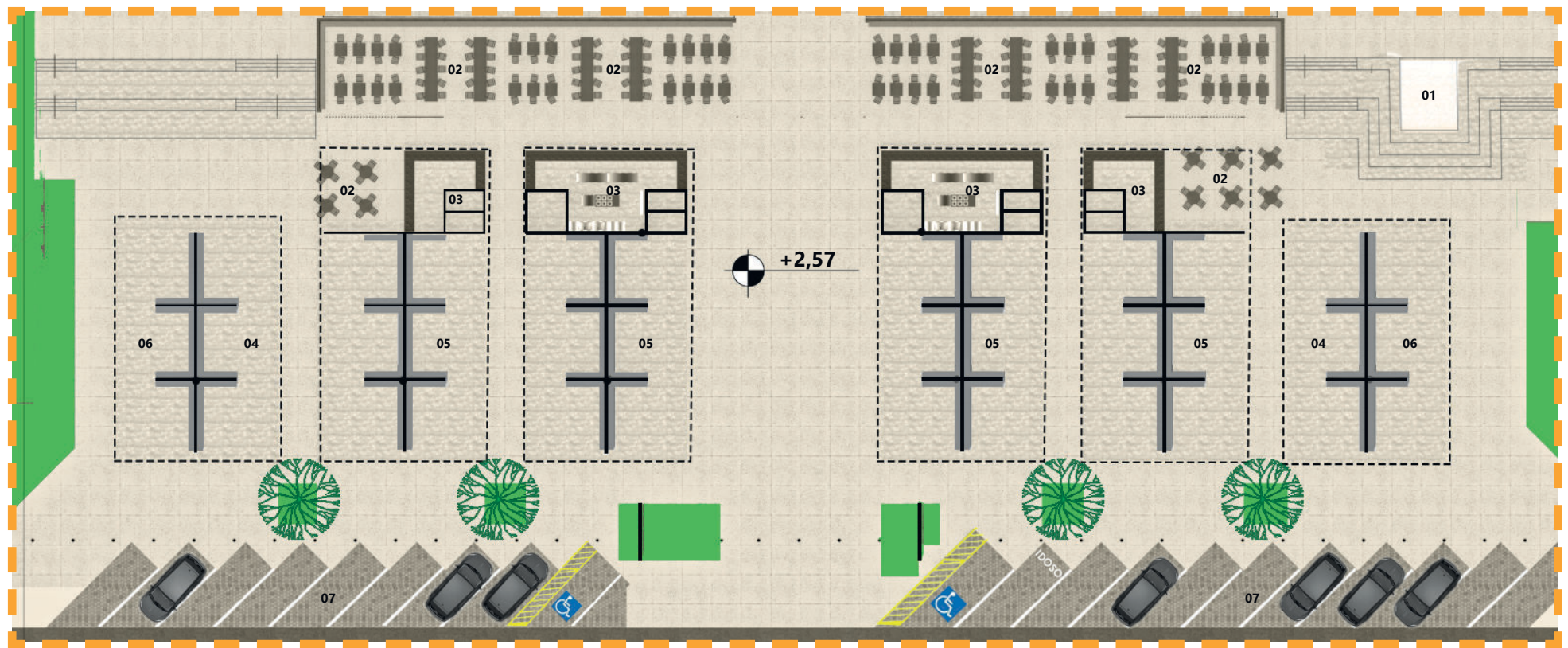
As fachadas escolhidas para receber o bloco termodissipador são as voltadas para o noroeste, devido a insolação constante ao longo do dia.



- 01 Arquibancada
- 02 Área de alimentação
- 03 Boxes de alimentação
- 04 Boxes utensílios
- 05 Boxes especiarias
- 06 Boxes diversos
- 07 Vagas



FACHADA SUDOESTE

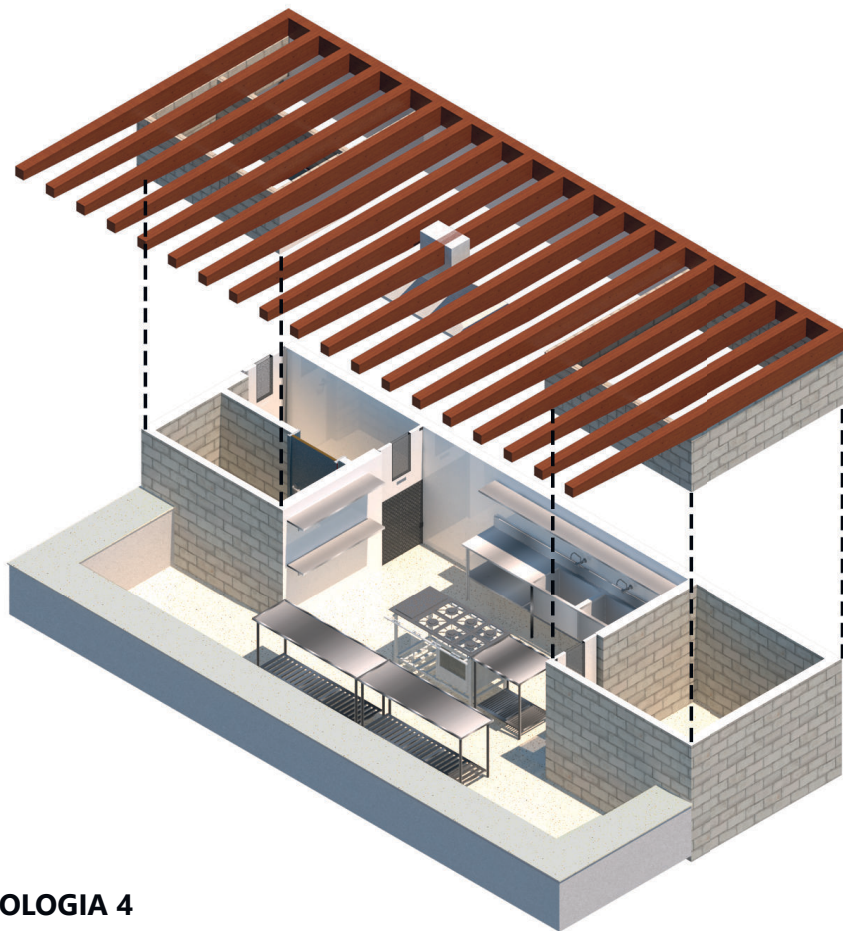


PLANTA TÉRREO 3



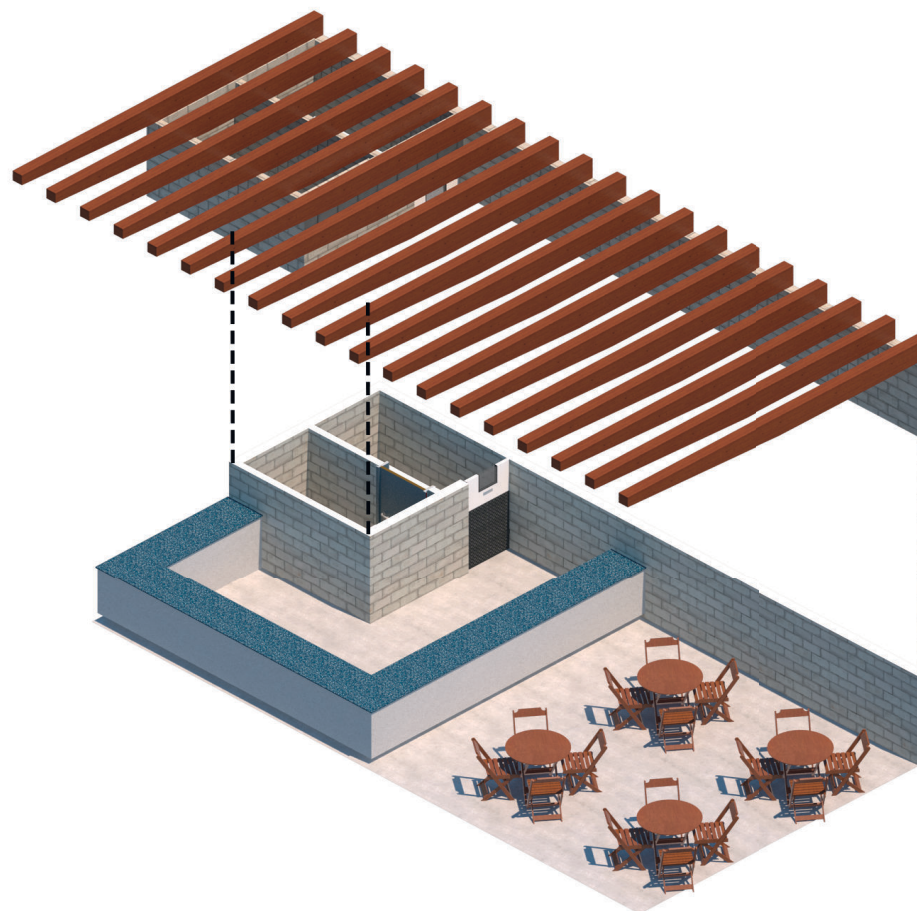
DETALHE BOXES

Os boxes são compostos por alvenaria estrutural e divididos de acordo com sua função, variando de tamanho em cerca de 2,5 e 5 metros. O uso de um pergolado de madeira complementa a volumetria, fazendo o fechamento da cobertura dos boxes.



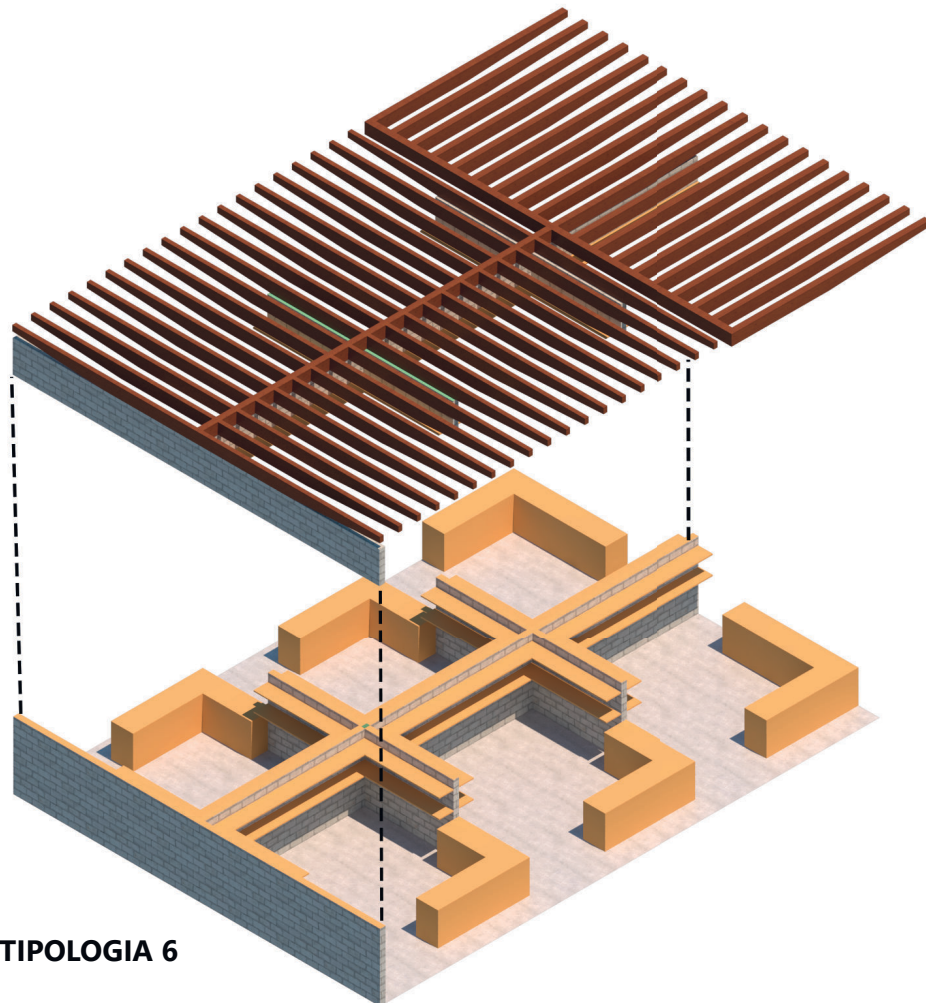
TIPOLOGIA 4

Nas tipologias destinadas a alimentação há uma subdivisão de ambientes, destinando um espaço para câmara fria e outro para depósito.

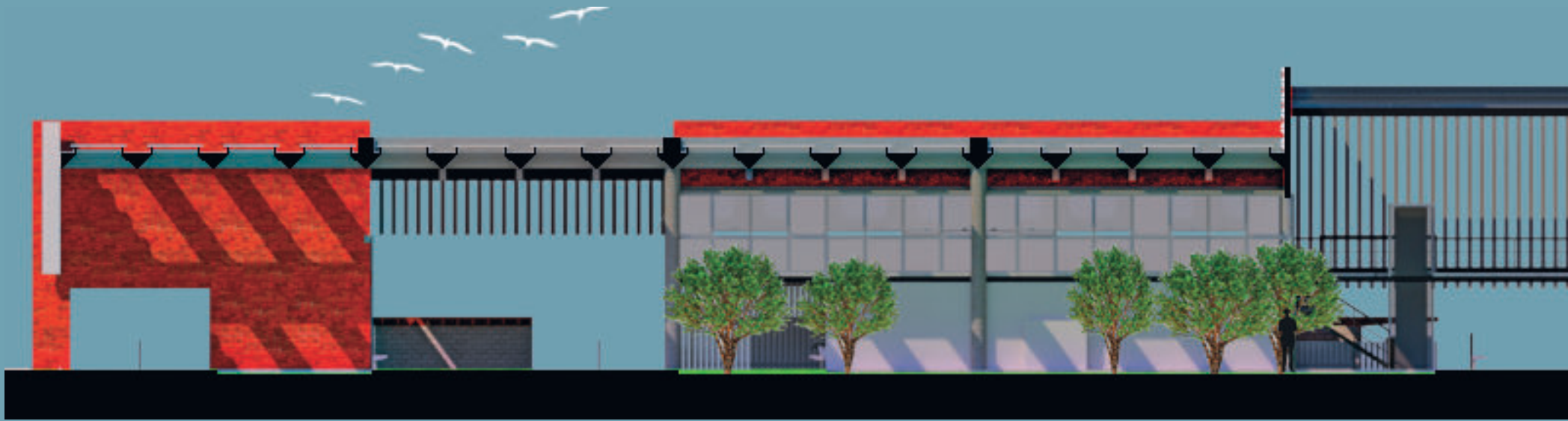


TIPOLOGIA 5

Apesar da diferença de usos os boxes de utensílios, especiarias e usos diversos possuem um layout mais dinâmico, permitindo uma alternância na ocupação do espaço.



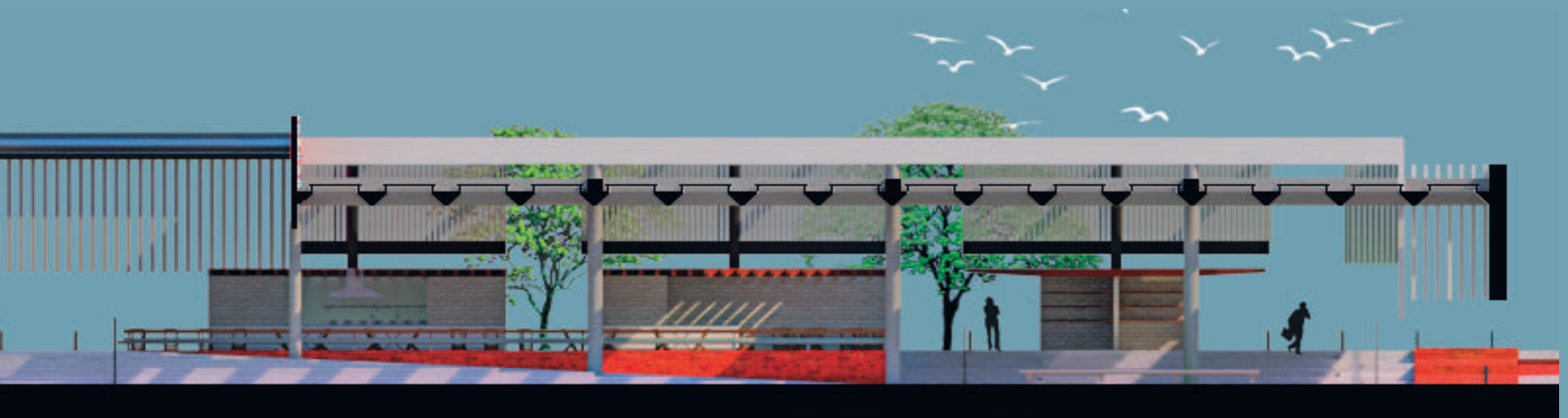
TIPOLOGIA 6



CORTE C



CORTE D

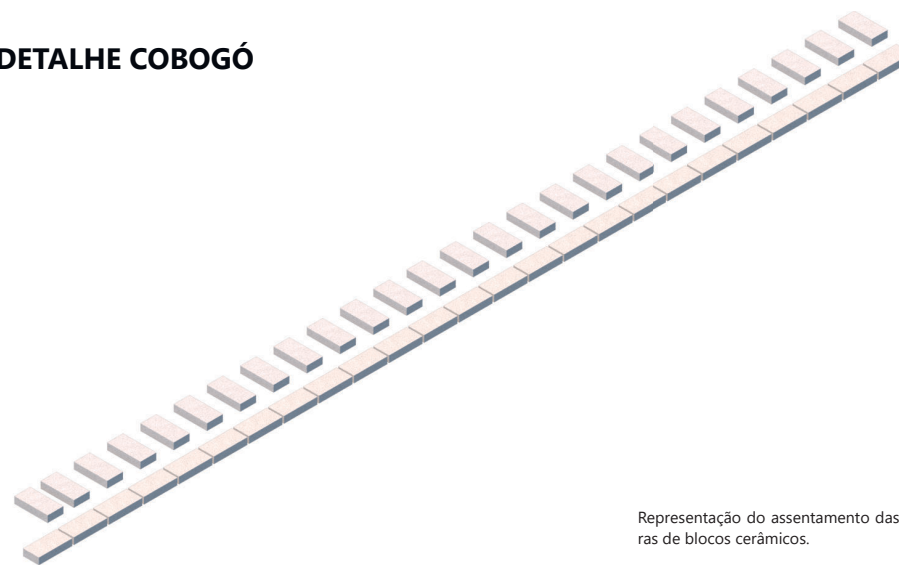


Um conjunto de blocos cerâmicos maciços faz a composição do cobogó, principal elemento da fachada sudoeste. Suas dimensões são de 10x20x5 cm.

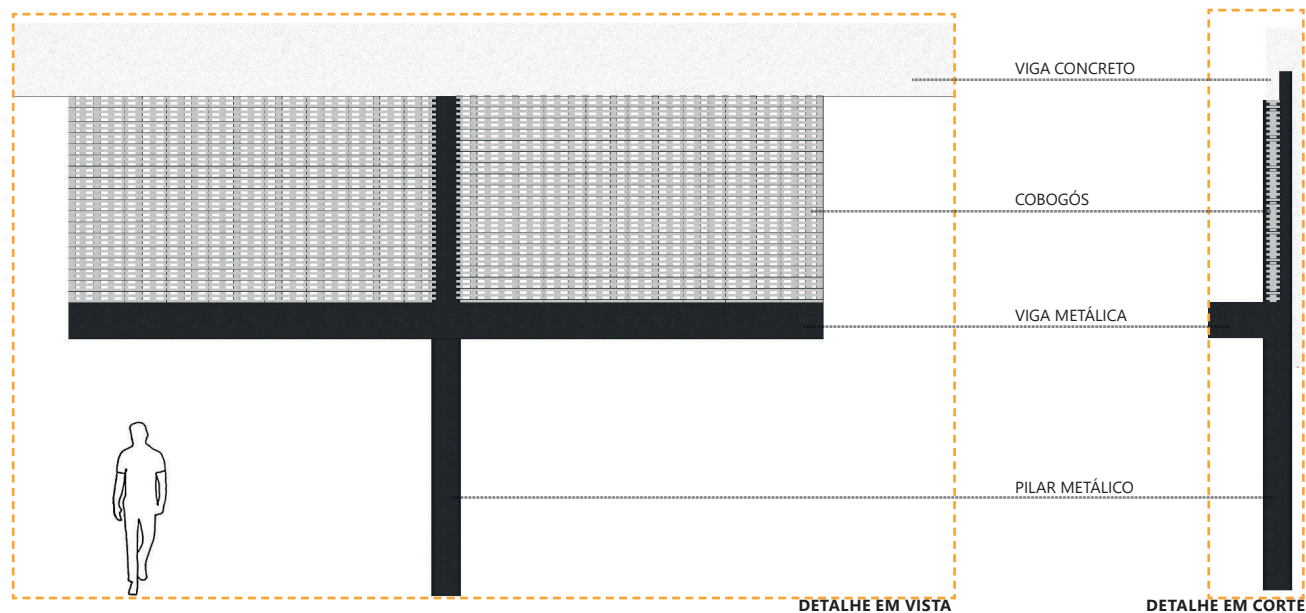
A disposição se dá em dois sentidos horizontais, sendo que uma fileira os blocos são contínuos e em outra há um espaçamento de 10 cm entre eles. Exceto na extremidade que o espaçamento se reduz a 5 cm.

O painel de cobogó está estruturado pela viga metálica que cobre os boxes, na parte inferior, e pela viga de concreto que compõem a casca de um dos volumes da edificação, na parte superior.

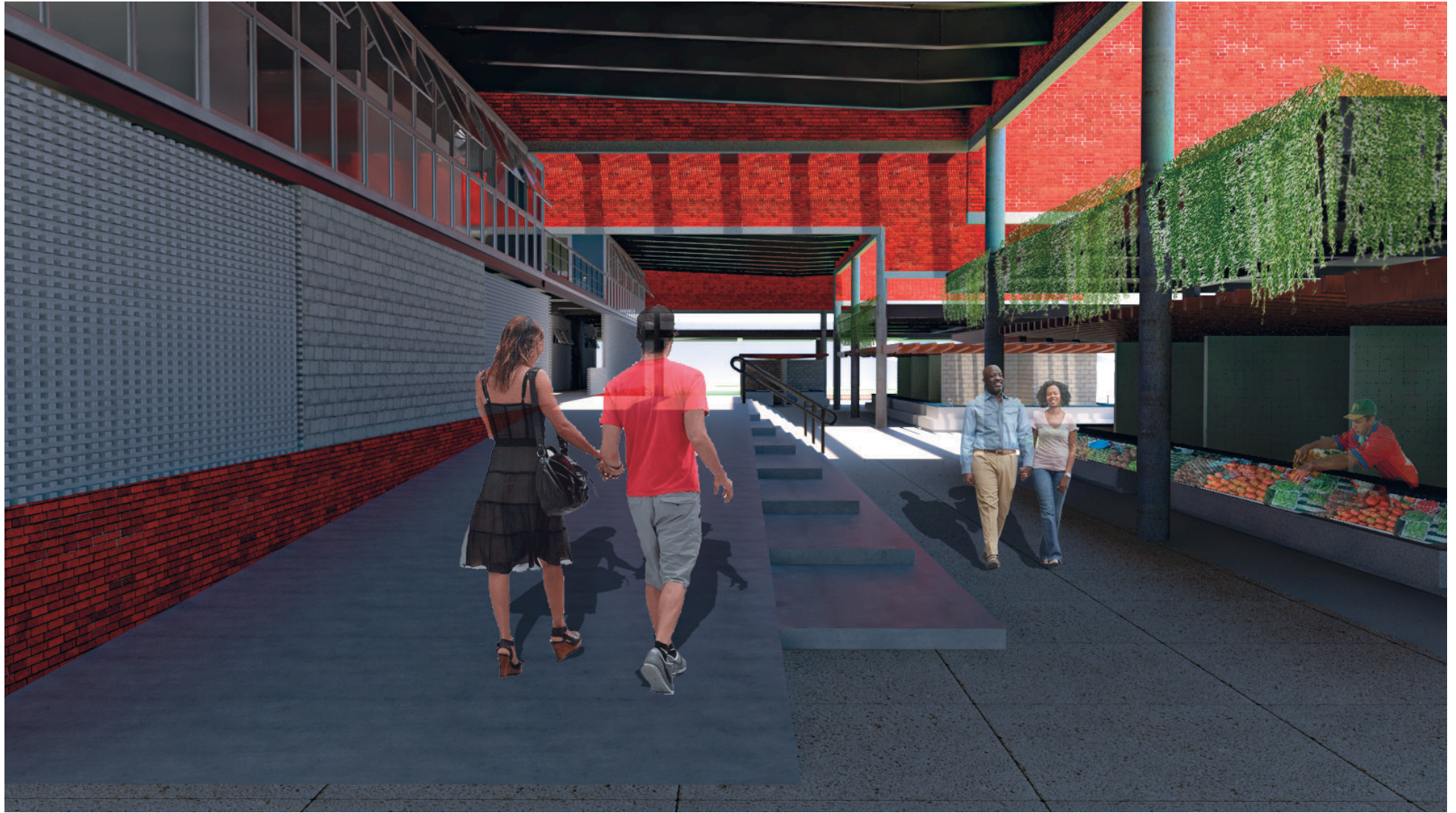
DETALHE COBOGÓ

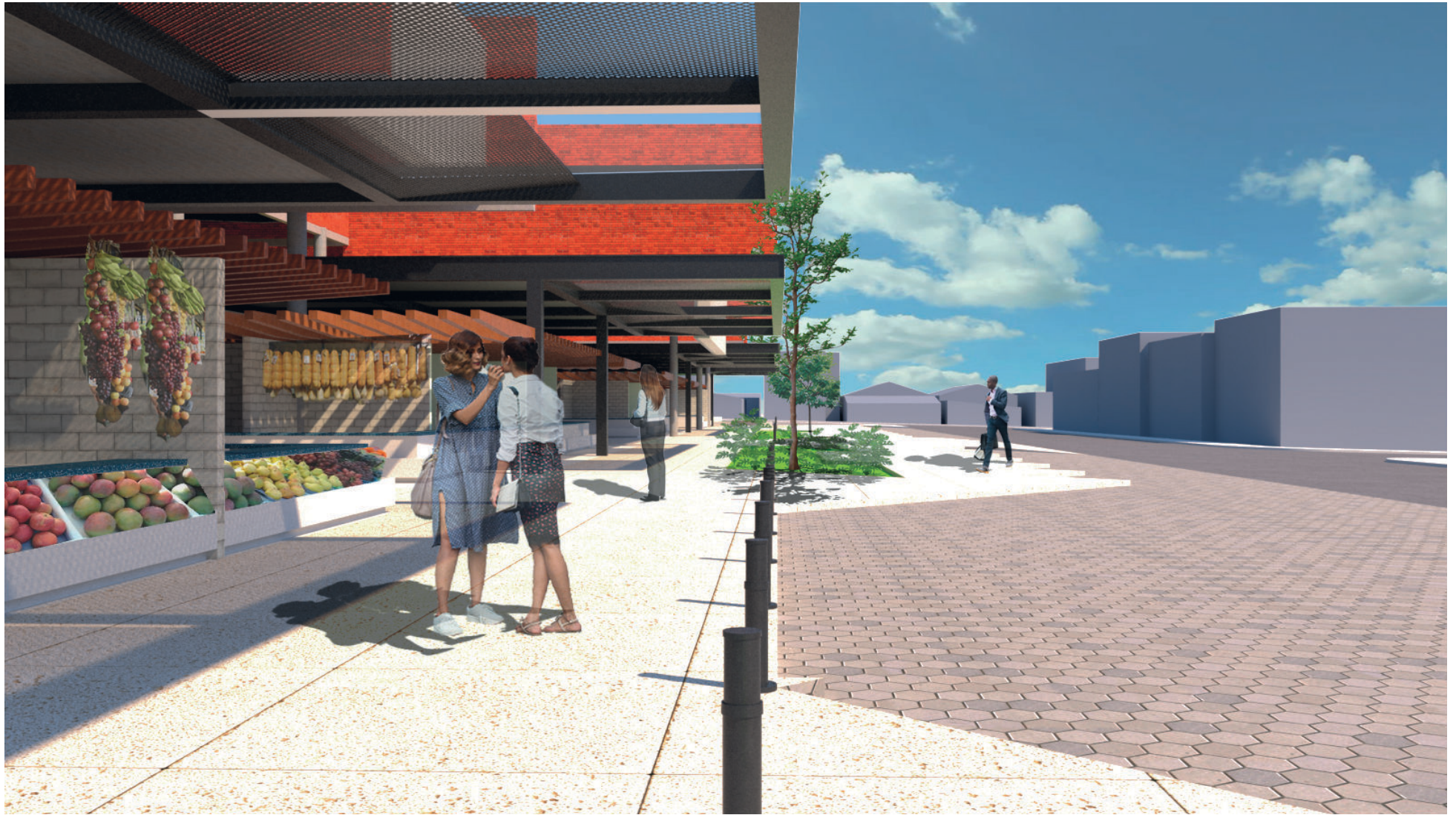


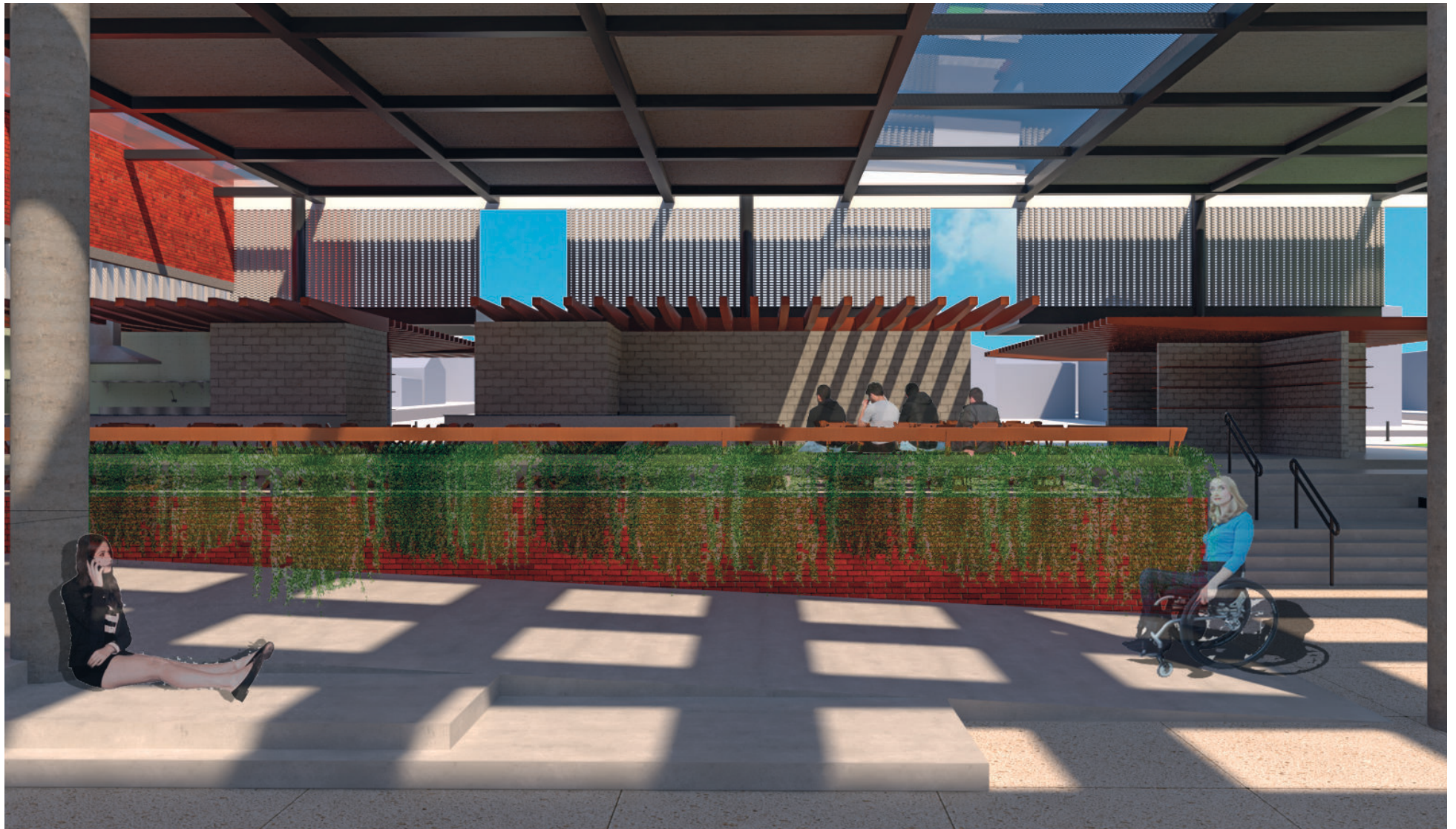
Representação do assentamento das fileiras de blocos cerâmicos.

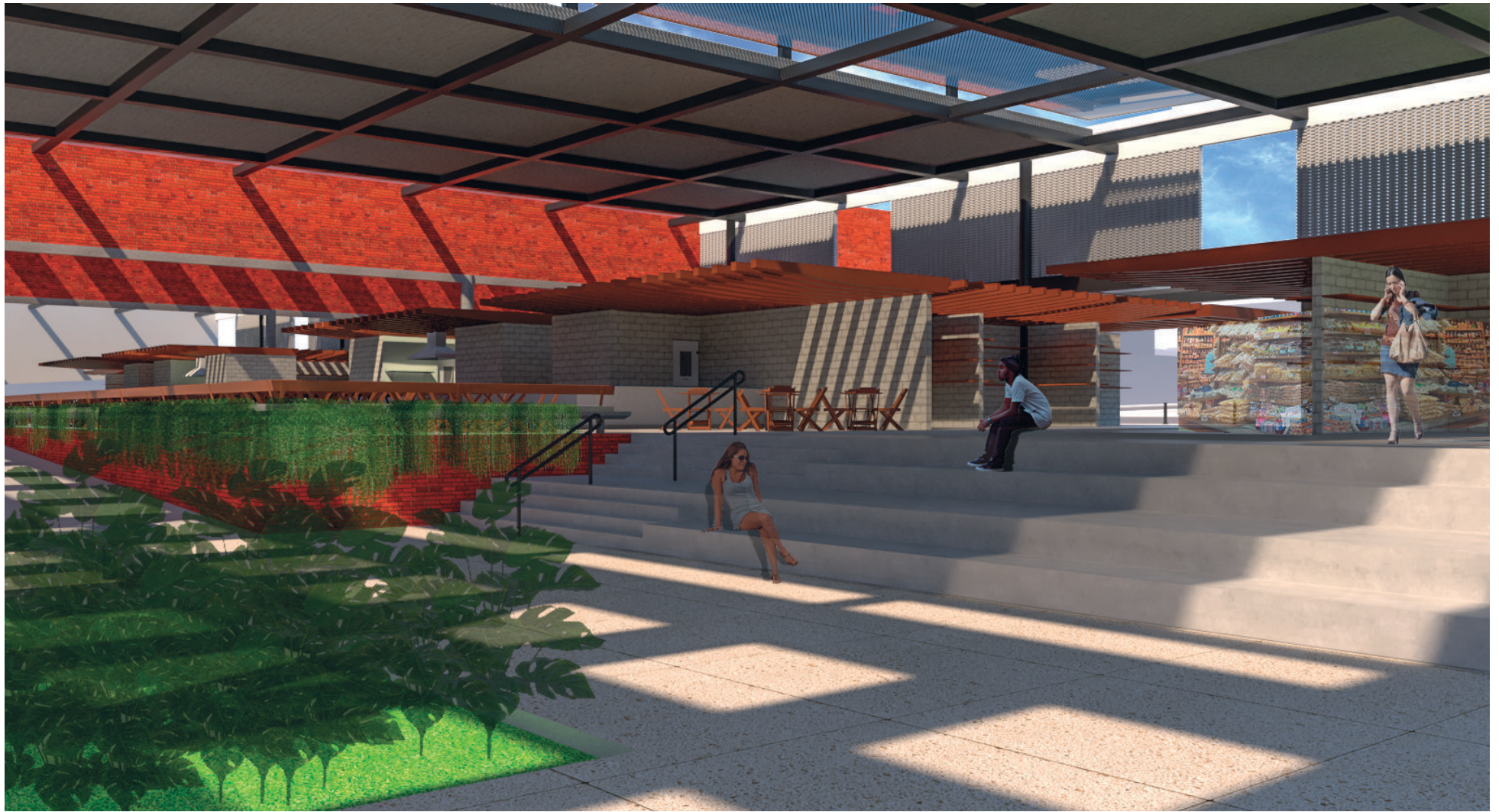
















REFERÊNCIAS

BEZERRA, M. do C. de L.; CAVALCANTE, C. V. O plano diretor e os elementos formadores de novas centralidades intraurbanas. *Revista Ciência & Trópico*. Recife, v. 33, n. 2, p. 219-241. 2009. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/851/572>

FRATTARI, Najla Franco; SOUZA, Maria Borges de Lima. Relatório de Pesquisa: Estudo de Caso - Aparecida de Goiânia. Rede de avaliação e capacitação para a implementação dos planos diretores participativos. Jun. 2009. Disponível em: https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/RedeAvaliacao/AparecidaGoiania_AvaliacaoGO.pdf

LAURIA, Ivna Olimpio, Distritos empresariais como agentes de desenvolvimento regional em áreas públicas de Aparecida de Goiânia- GO. 2014. Dissertação (mestrado) Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/2810>

OJIMA, Ricardo; PEREIRA, Rafael H. Moraes.; SILVA, Robson Bonifácio da. Cidades-dormitório e a mobilidade pendular: espaços da desigualdade na redistribuição dos riscos socioambientais? In: XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais., 2008, Caxambú. Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Caxambú: ABEP, 2008. p. 1 – 20. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1832/1791>. Acesso em: 19 jun. 2021.

PINTO, José Vandério Cirqueira. Desconstruindo a "cidade dormitório": centralidades e espaço intra-urbano de Aparecida de Goiânia. *Mercator – Revista de Geografia da UFG, Goiânia*, v. 16, p. 45-59, jun./ago. 2009. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/291>

PORTAL ELETRÔNICO PREFEITURA DA CIDADE DE APARECIDA DE GOIÂNIA. Cinco novos eixos estruturantes transformarão mobilidade urbana em Aparecida. Fev. 2021. Disponível em: < <http://www.aparecida.go.gov.br/cinco-novos-eixos-estruturantes-transformarao-mobilidade-urbana-em-aparecida/>>

RIBEIRO, Tiago Godoi. Avaliação da qualidade ambiental no município de Aparecida de Goiânia. 2014. 110 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3560>

SANTOS, Lucas Maia dos. A produção do espaço intraurbano de Aparecida de Goiânia e a dinâmica metropolitana de Goiânia: de 1960 aos anos 2000. Tese (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, p. 148. 2008. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/1870>

SILVA, Oséias Teixeira da. A centralidade metropolitana em pedaços: reflexões sobre os novos centros e suas centralidades. Revista Cidades, São Paulo, v. 12, n. 20, p. 176. 2015. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3037/3519>

SILVA, Oséias Teixeira da. A centralidade metropolitana em pedaços: reflexões sobre os novos centros e suas centralidades. Revista Cidades, São Paulo, v. 12, n. 20, p. 176. 2015. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3037/3519>

VARGAS, Heliana Comin. Comércio, serviços e cidade: Subsídios para Gestão Urbana. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, São Paulo, v. 22, E202010pt. 2020. 26 p. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/6053/5298>

VARGAS, Heliana Comin. Espaço Terciário: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio. São Paulo: SENAC, 2001. 336 p.

